



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS BACHARELADO

BEATRIZ MACIEL DE SOUZA LIMA

NEBULOSAS: uma análise do Romantismo nos poemas de Narcisa Amália

Recife

2025

BEATRIZ MACIEL DE SOUZA LIMA

NEBULOSAS: uma análise do Romantismo nos poemas de Narcisa Amália

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Bacharelado da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador (a): Prof. Dr. Eduardo Melo França

Recife

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lima, Beatriz Maciel de Souza .

Nebulosas: uma análise do Romantismo nos poemas de Narcisa Amália /
Beatriz Maciel de Souza Lima. - Recife, 2025.

65 p.

Orientador(a): Eduardo Melo França

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras - Bacharelado, 2025.

Inclui referências.

1. Nebulosas. 2. Narcisa Amália . 3. Romantismo . 4. Romantismo
brasileiro . I. França , Eduardo Melo . (Orientação). II. Título.

890 CDD (22.ed.)

BEATRIZ MACIEL DE SOUZA LIMA

NEBULOSAS: uma análise do Romantismo nos poemas de Narcisa Amália

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Bacharelado da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Aprovado em: 07/04/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo Melo França (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. André de Sena Wanderley (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Um estudo comprovou, certa vez, que a percepção visual sobre a inclinação de uma montanha muda dependendo da companhia – pessoas acompanhadas de amigos afirmaram que a inclinação era significativamente menor do que aqueles que olharam para a imensidão sozinhos. A vocês, por fazerem dessa montanha uma subida fácil e por me fazerem apreciar a vista no caminho, muito obrigada:

Aos meus pais, imensamente, por tudo. Por tanto. Por encherem as estantes de livros, as paredes de quadros, os ambientes de música e o meu coração de amor. Pelas escolas e faculdades. Por nunca negarem livros novos. Pelas caronas. Pelos abraços. Pelos alentos. Por me darem nome de personagem literária e me presentear – sem querer e sem saber, com um destino repleto de versos (não poderia imaginar destino melhor).

Ao meu irmão, Heitor, por ser minha âncora e meu farol.

À Débora, minha irmã do coração, por acreditar mais em mim do que eu mesma.

À Beatriz, Camila, Fernanda, Rafaella e Vanessa, por dividirem comigo as melhores lembranças dos anos de faculdade. Esse caminho não teria a mesma graça sem vocês.

À Laurinha e Caio, na faculdade de Jornalismo, pela leveza e alegria das horas.

Ao professor Eduardo, pelas aulas sobre Romantismo e pela confiança, paciência e bom humor na orientação deste trabalho.

Nunca é sobre a chegada, tampouco sobre o caminho – é a companhia que escolhemos durante o trajeto.

“[...] como de fato a literatura é empobrecida de modo incalculável pelas portas que foram fechadas às mulheres” (Woolf, 2022, p. 88).

RESUMO

A poesia de Narcisa Amália de Campos (1852-1924) está reunida, quase integralmente, em um único livro, *Nebulosas*, publicado em 1872. Apesar da escassa fortuna crítica sobre a obra e sobre a autora, o livro é um significativo representante do Romantismo brasileiro, compreendendo e dialogando com as três gerações românticas do país: nacionalista, ultrarromântica e condoreira. O foco dos estudos sobre Narcisa Amália e sua poética ainda são limitados, e apresentam o ponto focal no papel de gênero – por ser uma das poucas mulheres escritora do século XIX, ou na relevância de seus poemas abolicionistas. O presente trabalho busca inaugurar uma nova perspectiva, a de estudar e analisar os seus poemas sob uma ótica literária, focando nos aspectos estéticos, formais e temáticos, e comparando-a com outros autores da época. Compreendendo a maturidade e consciência estética de Narcisa, uma das únicas escritoras românticas a reunir todas as fases do movimento romântico brasileiro em uma única obra, propomos uma análise de alguns de seus poemas, bem como um panorama de sua fortuna crítica, seu papel no Romantismo brasileiro e suas influências literárias, buscando justificá-la dentro do painel da literatura nacional.

Palavras-chave: Nebulosas; Narcisa Amália; Romantismo; Romantismo brasileiro.

ABSTRACT

The poetry of Narcisa Amália de Campos (1852-1924) is almost entirely gathered in a single book, *Nebulosas*, published in 1872. Despite the scarce critical reception of both the work and the author, the book is a significant representative of Brazilian Romanticism, encompassing and engaging with the three generations of the movement: nationalist, ultraromantic, and political. The focus of studies on Narcisa Amália and her poetics is still limited, often emphasizing the gender aspect – since she was one of the few female writers of the 19th century, or the relevance of her abolitionist poems. This paper aims to introduce a new perspective by studying and analysing her poems from a literary point of view, focusing on aesthetic, formal, and thematic aspects, and comparing her with other authors of the period. Understanding Narcisa's maturity and aesthetic awareness, one of the few Romantic writers to encompass all phases of Brazilian Romanticism in a single work, we propose an analysis of some of her poems, as well as an overview of her critical reception, her role in Brazilian Romanticism, and her literary influences, seeking to justify her position within the landscape of national literature.

Keywords: *Nebulosas*; Narcisa Amália; Romanticism; Brazilian Romanticism.

SUMÁRIO

1	Introdução	9
2	Um passeio pela fortuna crítica	11
3	O Romantismo no Brasil	25
4	“Da poesia desvendei as lagunas encantadas”: análises poéticas	34
4.1	“Não morrem Dantes, Lamartines, Tassos”: as epígrafes	57
5	Considerações finais	63
	REFERÊNCIAS	64

1. Introdução

Narcisa Amália de Campos (1852-1924) foi uma poetisa, tradutora, jornalista e professora fluminense, com apenas um livro publicado – *Nebulosas*, de 1872. Além da coletânea, publicou diversos poemas em periódicos da época, sendo o primeiro, “À lua”, publicado no jornal *O Parahybano* em 1870, quando a autora tinha apenas dezessete anos.

Com uma bagagem intelectual vasta, Narcisa tornou-se, na época de suas publicações, um nome reconhecido na poesia brasileira, atraindo comentários elogiosos e críticas de alguns dos nomes mais relevantes da literatura, como Machado de Assis, e foi comparada com outros nomes românticos relevantes, como Castro Alves. Apesar disso, a crítica em torno de sua obra tornou-se escassa com o passar dos anos, secundarizando sua participação na historiografia literária do Brasil.

Seus poemas, em especial aqueles reunidos em *Nebulosas*, refletem uma poética particular, enquanto dialogam em excelente consonância com as três gerações do Romantismo brasileiro. Em relação às formas e temáticas, são significativos e representativos do movimento, compreendendo suas particularidades e preocupações – a faceta nacionalista, patriótica e de exaltação da natureza, o cunho ultrarromântico de sentimentalismo e melancolia exacerbados e, ainda, a perspectiva revolucionária, condoreira e social. Apesar da crítica literária focar suas análises na poesia condoreira de Narcisa, destacamos a forte presença do ultrarromantismo como um aspecto ainda mais significativo em sua poética, uma vez que supera os paradigmas românticos nacionais. Mas, apesar dessa predominância, as três gerações do Romantismo brasileiro encontram-se fundidas e reunidas em *Nebulosas*, evidenciando a capacidade de Narcisa Amália de realizar um feito que poucos autores do cânone romântico nacional fizeram: reunir as três fases de um movimento complexo e vasto, enquanto estabelece uma presença poética própria.

Para realizar o trabalho, dividiremos a pesquisa em três blocos. Inicialmente, reunindo a fortuna crítica sobre a literatura amaliana, datando desde o final do século XIX, quando ela começou a publicar seus poemas e traduções, até o ano de 2025, quando a mais recente publicação de *Nebulosas* chegou ao público, destacando os aspectos ressaltados e ausentes sobre a sua poesia. Essa reunião inicial teve como alicerce alguns dos livros basilares da história da literatura no Brasil, com o objetivo de compreender a participação de Narcisa Amália na historiografia. Foram consultados, para isso, *História concisa da literatura brasileira* (1989), de Alfredo Bosi, *História da Literatura Brasileira* (2004), de Luciana Stegagno-Picchio e *Formação da literatura brasileira - momentos decisivos* (2006), de Antonio Candido. Além

disso, foram coletados materiais de jornais da época, bem como estudos universitários sobre a autora e sua poesia. As introduções de Anna Faedrich, acadêmica da Universidade Federal Fluminense e principal pesquisadora de Narcisa Amália, nas edições de 2017 (Gradiva) e de 2024 (Penguin e Companhia das Letras) de *Nebulosas* também foram cruciais nesse processo inicial de catalogação e compreensão da recepção e fortuna crítica da poetisa.

No segundo capítulo, construiremos um painel da poesia romântica brasileira, buscando justificar a presença de Narcisa Amália – bem como a sua relevância, a tanto secundarizada, para o movimento. Para tal, utilizamos as teorias de Antonio Candido, Friedrich Schlegel, Isaiah Berlin e Karin Volobuef, resumindo o que significava ser poeta romântico na Europa e no Brasil e relacionando a concordância de Narcisa Amália e *Nebulosas* com os conceitos teóricos, preocupações e estética do movimento.

Em relação à análise, que compreende o terceiro e último capítulo deste trabalho, foram selecionados poemas representativos da poetisa, que podem ser classificados como nacionalistas, ultrarromânticos e políticos. Além disso, também propomos um diálogo direto da autora com seus contemporâneos, estabelecendo uma comparação com poetas como Gonçalves Dias e Fagundes Varela, para fins de ratificá-la como nome pertinente no movimento e comprovando, com isso, que a sua exclusão da nossa historiografia literária se deu, por tantos anos, unicamente por critérios extraliterários – uma vez que ela está em concordância com a estética, forma, temática e preocupações românticas.

Com o objetivo de reconhecer os aspectos formais e temáticos do Romantismo brasileiro dentro de *Nebulosas*, o presente estudo buscou compreender como a poetisa se coloca enquanto voz original do movimento literário, ao mesmo tempo que respeita as normas estabelecidas. Buscamos problematizar o lugar de Narcisa Amália na poesia brasileira não pelo aspecto sociológico, mas pela complexidade literária, que se reafirma por três aspectos: qualidade, cruzamento e consciência estética. Portanto, o possível lugar que pretendemos atribuir a ela se dá pela complexidade de sua poesia, sendo uma das únicas dentre os autores do cânone nacional que produziu poesia nas três direções românticas – feito que não foi realizado nem entre os romancistas da época.

2. Um passeio pela fortuna crítica

Narcisa Amália de Campos (1852-1924) foi uma poetisa e jornalista carioca, com um único livro publicado: *Nebulosas*, de 1872. A obra poética, apesar de resumida a uma coletânea de 44 poemas, retrata uma poesia madura, meditativa e lírica, alinhada com a proposta artística do Romantismo brasileiro. Dialogando com nomes influentes das três gerações românticas brasileiras, como Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves, Narcisa Amália produziu uma poética que poderia alçá-la a uma maior expressão e reconhecimento, não fossem as circunstâncias sociais e pessoais da época em que viveu.

Nas palavras do crítico literário Alexei Bueno,

Seu livro era de um Condoreirismo bastante correto e precoce, contendo inclusive um poema em homenagem ao recém-falecido Castro Alves [...]. Alcançou razoável fama na época, inclusive por uma propalada calúnia de que seus versos teriam sido escritos por seu pai. Separada duas vezes, professora e jornalista, essa pioneira da poesia feminina no Brasil morreu cega e esquecida no Rio de Janeiro, nunca publicando outra obra (Bueno, 2007, p. 148).

É importante reconhecer, primeiramente, a importância social de se estudar não só os poemas de Narcisa Amália, mas o seu papel enquanto escritora no Brasil do século XIX. Um dos vieses possíveis na análise de sua obra seria o de estudos femininos e culturais, enaltecendo a importância de valorizarmos o livro escanteado de uma mulher intelectual dos últimos anos do Brasil império. Apesar de válida e extremamente importante, essa perspectiva de análise já foi iniciada, em especial pela pesquisadora Anna Faedrich, da Universidade Federal Fluminense. O presente trabalho busca uma outra perspectiva: a de observar a obra de Narcisa Amália sem o enfoque de gênero e com uma preocupação sobretudo estética, problematizando a sua poesia frente ao conjunto de obras que constitui o cânone romântico brasileiro. Buscaremos problematizar o possível lugar que ela ocupa no painel da nossa poesia, reconhecendo sua consciência estética em um movimento de superar as divisões geracionais dos poemas românticos e no uso ajustado de epígrafes, que revelam o seu conhecimento sobre o movimento romântico, seus autores e obras.

Reconhecemos a relevância da pesquisa e do resgate de seus poemas e de sua história com uma visão pautada na injusta invisibilidade conferida às escritoras e pensadoras dos séculos passados. Sem esse resgate que problematiza, dentre outras coisas, a superficialidade

do nosso cânone literário e o patriarcalismo intrincado na arte e cultura ocidental (e, conseqüentemente, nacional), não seria possível estudar a obra de Narcisa por conceitos unicamente estéticos e formais.

Após esse resgate mais do que justo e necessário, partimos agora para uma outra forma de valorização de seu trabalho poético, tão relevante quanto: estudá-la em condição de igualdade com os demais poetas de sua época no Brasil. Analisar os seus poemas tomando por métrica a qualidade literária, a relevância para o movimento romântico e, portanto, para a história da literatura brasileira e para o enriquecimento do nosso arcabouço literário.

Para justificar essa escolha, podemos observar o que diz Virginia Woolf, escritora inglesa, em seu ensaio *Um teto todo seu*, sobre a produção literária de autoria feminina no século XX:

Pois é um enigma perene a razão por que nenhuma mulher escreveu uma só palavra daquela extraordinária literatura, quando um em cada dois homens, parece, era dotado para a canção ou o soneto. Quais eram as condições em que viviam as mulheres, perguntei-me; pois a ficção, trabalho imaginativo que é, não cai como um seixo no chão, como talvez ocorra com a ciência; a ficção é como uma teia de aranha, muito levemente presa, talvez, mas ainda assim presa à vida pelos quatro cantos (Woolf, 2022, p. 48).

A isso, somemos a fala da autora de que “a liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não apenas nos últimos duzentos anos, mas desde o começo dos tempos” (Woolf, 2022, p. 111). Talvez essas constatações sejam suficientes para nos apontar parte dos porquês da falta de estudos sobre escritoras e suas obras (o que pode ser sentido, notadamente, no que diz respeito à nossa literatura). A própria Narcisa Amália, defensora das causas femininas e crítica da falta de liberdade intelectual e literária das mulheres, afirmou, em um artigo intitulado *A mulher no séc. XIX*, publicado em *Democratema*, em 1882:

A mulher no século dezenove acha-se, portanto, emancipada, isto é, entra na posse de si mesma, conquista o direito divino de sua alma, em uma palavra, transfigura-se. O que lhe falta ainda para ser feliz? – À que está emancipada, pouco; mas à que está por emancipar-se, tudo. E neste caso está a mulher brasileira. Entre nós a instrução, mesmo a mais elementar, tem até aqui constituído monopólio do homem. Ora, à medida que o homem sobe, a mulher desce, naturalmente, e essa diferença cria entre ambos uma profunda separação intelectual e moral que arrasta consigo todas as desordens do lar (Amália *apud* Faedrich, 2017, p. 250).

E diz, no mesmo artigo:

A educação da mulher! Mas tem a mulher por acaso necessidade de ser educada? Para quê? Cautela! A mulher representa o gênio do mal sob uma forma mais ou menos graciosa e cultivar a sua inteligência seria fornecer-lhe novas armas para o mal. Procuremos antes torná-la inofensiva por meio da ignorância. Guerra, pois, à inteligência feminil! (Amália *apud* Faedrich, 2017, p. 250).

Com essa visão clara, a própria poetisa reconheceu sua emancipação e a sua escolha pelo fazer poético:

Pois bem: eu reneguei a escravidão porque deixaram-me compreender que Deus me fizera livre como a emanação das flores que recamam os campos; livre como a brisa que doudeja pelo espaço: não escutei o motejo dos néscios, nem ouvi o gargalhar satânico dos incrédulos; olhei para o futuro, escrevi o que pensava, o que me havia ensinado a lição caída dos lábios paternos, e deixei que esses pobres pensamentos fossem peregrinar pelo mundo (Amália *apud* Faedrich, 2017, p. 250).

Justifica-se, com isso, a necessidade de uma abordagem que vá ao encontro desse desejo de emancipação: analisar a sua poesia como obra poética, seus poemas como definitivos e significativos representantes do movimento romântico brasileiro. Ao analisarmos a fortuna crítica de *Nebulosas*, podemos observar uma predominância de contextualizações históricas e sociais da produção de seu único livro. Mas, o estudo aprofundado sobre a sua participação e influência no movimento literário romântico ainda é escasso. Anna Faedrich afirma, em prefácio da edição de 2024 de *Nebulosas*, que

se o valor de Narcisa não foi devidamente reconhecido, foi porque não havia condições materiais e imateriais para isso. As condições de produção eram desiguais, e a hierarquização das práticas tendia a desvalorizar tudo o que era relacionado ao ‘feminino’ (Faedrich, 2024, p. 21).

Com isso em mente, podemos inaugurar aqui a preocupação com a atividade poética de Narcisa, alçando, assim, uma nova perspectiva nos estudos de seus poemas.

O reconhecimento das recorrências românticas formais em sua obra vem como uma possibilidade de enriquecimento do arcabouço teórico sobre a autora, não limitando a sua trajetória artística ao contexto social de sua época ou ao fato de ser mulher. Ao observar sua obra com um olhar estético e formal, podemos conceder maior justiça à sua qualidade poética, colocando-a no lugar que lhe é merecedor.

No Oitocentos de Narcisa Amália parece-nos que ocorre um processo perda da memória de mulheres, que assim como ela lutaram na contramão do papel cientificamente construído que lhes era imposto, pode ser explicada a partir da compreensão de que o exercício da literatura era algo fora do normativo para o sexo feminino; algo fora do padrão. [...] O processo que desencadeia o esquecimento de sua memória está diretamente relacionado à construção do “cânone”, que não perpassa somente pela qualidade de uma obra literária, mas também por questões econômicas, políticas, sociais e de gênero de um determinado contexto (Silva, 2021, p. 11).

Críticos e estudiosos do século XXI já reconhecem Narcisa Amália como poetisa representante do Romantismo brasileiro, especialmente a pesquisadora Anna Faedrich, que se dedica ao estudo completo de sua obra. Em sua época, a poetisa também não passou despercebida e foi reconhecida ao lado dos seus contemporâneos. Mas percebemos, na atualidade, uma predominância temática nos estudos sobre Narcisa, focada na faceta abolicionista de sua obra ou insistindo unicamente na questão de gênero como justificativa para seus estudos. A relevância de sua participação no painel do Romantismo brasileiro ainda é deixada em segundo plano.

O Romantismo inegável de sua obra pode ser visto em um diálogo com Castro Alves e Gonçalves Dias, por exemplo, reiterando a necessidade de estudá-la ao lado do poeta dos escravos e do célebre autor de *Canção do Exílio*. “A ‘poeta dos livres’, como ficou conhecida, dialogava com a geração condoreira, sobretudo com Castro Alves, por quem mantinha profunda admiração” (Faedrich, 2017, p. 241). Faedrich exemplifica essa necessidade através de uma comparação entre o poema “A Resende”, de Narcisa, e “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias:

O poema “A Resende” de Narcisa Amália dialoga com a temática da “Canção do Exílio”, uma vez que o eu lírico deste poema sofre com a distância de sua “estrela da alvorada”, “vaporosa fada”, “éden de encantos”. Longe de Resende, o peregrinar é cansativo, a vida é triste, o coração é enfermo, e a saudade é atroz (Faedrich, 2017, p. 239).

Justifica-se, ainda no estudo de Faedrich:

Sylvia Paixão observa que os poemas de Amália “são expressivos do Romantismo na exaltação da natureza, nas lembranças da infância e no amor à pátria. Narcisa Amália é, por certo, um dos raros nomes femininos que falam de identidade nacional, através da exaltação da terra brasileira” (PAIXÃO, 2000, p. 535). Tal expressão do Romantismo está presente em “A Resende”, cujo eu lírico sente-se feliz por retornar à cidade adorada. Desejo este consonante ao do eu lírico de “Canção do Exílio”, o qual suplica para que não morra sem antes voltar para desfrutar os primores de sua terra (Faedrich, 2017, p. 239).

Para firmar sua posição dentro do Romantismo, podemos ter em vista o pensamento de Benedito Nunes em *A Visão Romântica* que define as ideias do movimento como ligadas a uma: “(...) concepção de mundo, preponderantemente idealista e metafísica, percorrida por um afã de totalidade e unidade, próprio da sensibilidade conflitiva que a impulsionou, e polarizada por sentimentos extremos e atitudes antagônicas” (2019, p. 53). E, ainda, a definição de Ralph Tymms em *German Romantic Literature*: “Desse ponto de vista, o romântico é aquele cuja insatisfação com o real se transmuda em literatura ou em teoria estética” (Nunes, 2019, p.55). Todas essas características, de antemão, são reconhecidas em *Nebulosas*, como veremos nas análises poéticas que faremos de alguns dos seus poemas.

As palavras de Isaiah Berlin em *As raízes do Romantismo* (2022) também nos ajudam a moldar o pensamento romântico:

O Romantismo é o primitivo, o ignorante, a juventude, a exuberante sensação de vida do homem natural, mas também é palidez, febre, doença, decadência, *la maladie du siècle*, *La Belle Dame Sans Merci* (...), o caos, mas também é a paz, a união com o grande “Eu”, a harmonia com a ordem natural, a música das esferas, a dissolução no eterno espírito que tudo contém (Berlin, 2022, p. 41).

Com isso em mente, o presente projeto busca compreender o papel de Narcisa Amália e de sua obra no Romantismo brasileiro, estudando as diversas temáticas presentes em seus poemas e como elas a classificam enquanto poeta romântica.

O livro *Nebulosas* é dividido em três partes, e os poemas caminham por diversas temáticas: a saudade da infância, a melancolia, a meditação sobre si, o fazer poético, a exaltação da natureza retratando paisagens do Rio de Janeiro, além de poemas políticos, de exaltação à pátria e de caráter abolicionista.

Todos esses temas nos poemas de Narcisa Amália são característicos do movimento romântico. Bem como as suas formas, que condizem com o que Antonio Candido diz sobre a poesia romântica em *Formação da Literatura Brasileira* (2006): “À eloquência romântica, empolada, imaginosa e ébria de sonoridade, corresponde uma poesia de características análogas, concebida segundo as mesmas técnicas de composição e escolha de imagens” (Candido, 2006, p. 360).

E, após o mapeamento inicial de sua fortuna crítica, menções em livros, jornais e teses, é possível partir para uma análise própria de suas poesias, identificando e apontando o Romantismo em sua obra e justificando, assim, a necessidade de um maior reconhecimento e aprofundamento sobre os seus escritos.

Ela faz parte de algumas antologias recentes de poesias, a exemplo, *A Poesia Fluminense no Século XX*, de Assis Brasil (1998), *Revolta e Protesto na Poesia Brasileira*, de André Seffrin (2021) e *A Escravidão na Poesia Brasileira*, de Alexei Bueno (2022), e foi contemplada em importantes livros da história literária brasileira, como em *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi (1989), *História da Literatura Brasileira*, de Luciana Stegagno-Picchio (2004) e *Formação da literatura brasileira - momentos decisivos*, de Antonio Candido (2006). Apesar disso, as poesias de Narcisa Amália não são amplamente conhecidas ou divulgadas na atualidade.

Tendo sido reconhecida na época de sua publicação por críticos e autores relevantes, reuniu uma crítica concisa, porém fiel, que a alçou em patamar de comparação com nomes já consagrados do movimento romântico. Mas, atualmente, os seus poemas não são analisados e estudados à altura de sua relevância, como elucida a pesquisadora Anna Faedrich no prefácio da edição de 2017 de *Nebulosas*.

É inaceitável que, hoje, não as estudemos, que não conheçamos os poemas líricos, políticos, sociais, de exaltação da natureza e da pátria de Narcisa Amália, ao lado de Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Castro Alves [...]. Resgatar nomes como o de Narcisa Amália e dar o devido relevo a eles é passo necessário para reescrever a história da literatura brasileira e abrir espaço para que perfis femininos sejam considerados em seu devido valor e, como tais, passem a integrar a tradição literária brasileira (Faedrich *apud* Amália, 2017, p. 12-13).

Em um primeiro momento, é preciso considerar a necessidade de se fazer uma reunião da crítica existente sobre sua obra, datando desde a sua publicação, em 1872, até os dias atuais, com estudos sobre sua poesia. Desta forma, será possível analisar a sua repercussão no auge da expressão romântica no país, bem como comparar essa visibilidade com o que dizem os críticos do século XX e XXI.

A primeira crítica relevante sobre *Nebulosas* é de autoria de Machado de Assis, escritor já consagrado na época, publicada na edição 629 da *Semana Illustrada* (RJ), em 1872. Nela, Machado de Assis diz:

[...] Não sem receio abro um livro assinado por uma senhora. É certo que uma senhora pode pensar e filosofar, e muitas há que neste particular valem

homens, e dos melhores. Mas não são vulgares as que trazem legítimos talentos, como não são raras as que apenas se pagam de uma duvidosa ou aparente disposição, sem nenhum outro dote literário que verdadeiramente os distinga. A leitura de *Nebulosas* causou-me a este respeito excelente impressão. Achei uma poetisa, dotada de sentimento verdadeiro e real inspiração, a espaços de muito vigor, reinando em todo o livro um ar de sinceridade e de modéstia que encanta, a todos estes predicados juntos, e os mais que lhe notar a crítica, é certo que não são comuns a todas as cultoras da poesia. Há, sem dúvida, alguma página menos aperfeiçoada, algum verso menos harmonioso, alguma imagem menos própria; mas, além de que estes senões melhor os conhecerá e emendará a autora com o tempo, (e um talento verdadeiro não deixa de os conhecer e emendar), é antes de admirar que o seu livro não saísse menos puro, dadas as condições de uma estréia (Assis, 1872, p. 5030).

O escritor segue analisando brevemente três poemas que compõem *Nebulosas*: “Saudade”, “Confidência” e “*Sadness*”, que retomaremos no terceiro capítulo deste estudo. E finaliza sua crítica apontando o tom melancólico dos versos:

São tristes geralmente os seus versos, quando não são políticos (que também os há bons e de energia não vulgar); a musa da Sra. D. Narcisa Amália não é a alegria. [...] Aqui termino as transcrições e a notícia, recomendando aos leitores as *Nebulosas* (Assis, 1872, p. 5031).

Sobre a crítica de Machado podemos inferir, primeiramente, a menção incontornável do fato de a autora ser uma mulher. Mas, apesar disso, não é nesse fato que ele se detém, fazendo uma crítica à qualidade literária dos poemas. Ao destacar as temáticas dos poemas e, também, ao criticar a menor qualidade de alguns deles, ele traz a discussão da poesia de Narcisa Amália para um patamar igualitário: sem enaltecer ou desmerecer sua escrita pelo fato de ser produzida por uma mulher, mas vendo o real valor poético, cabível de críticas, melhoramentos e análises. É sobre esse fator valorativo da esfera literária que se detém o presente estudo. Uma vez estudada de igual para igual com autores de sua época, focando em uma análise de tema, forma e estética, é possível valorizar a obra poética de Narcisa Amália da forma que merece.

É importante reiterar que o caráter das críticas, especialmente as que datam dos anos próximos à publicação do livro, têm um foco em comum: o fato de ser um livro de poesia escrito por uma mulher, seguido por elogios. O enfoque do gênero é constante, principalmente como uma justificativa para a “surpreendente” qualidade da poesia. Para exemplificar, podemos observar outra crítica da época. Esta, escrita por Pessanha Póvoa e que compõe o prefácio da primeira edição de *Nebulosas*.

Narcisa Amália será a impulsora e o ornamento de uma época literária mais auspiciosa que a presente. Há de redigir os aforismos poéticos, como Aristóteles escreveu os da natureza. Na história da nossa literatura, o seu entusiasmo moral, que é um culto do seu talento, terá uma consagração nos anais do futuro desta legião de inteligências que está celebrando as glórias do presente (Póvoa *apud* Amália, 2017, p. 21-22).

E continua.

Este livro há de produzir tristezas e alegrias. É a primeira brasileira dos nossos dias; a mais ilustrada que nós conhecemos; é a primeira poetisa desta nação. Delfina da Cunha, Floresta Brasileira, Ermelinda da Cunha Matos, Maria de Carvalho, Beatriz Brandão, Maria Silvana, Violante, são bonitos talentos. Narcisa Amália é um talento feio, horrível, cruel, porque mata àqueles. Foram as suas antecessoras auroras efêmeras; ela é um astro com órbita determinada (Póvoa *apud* Amália, 2017, p. 23).

De fato, o autor não deixa de falar dos aspectos estéticos das poesias de Narcisa, destacando suas formas e temáticas. Mesmo que de forma breve, é possível ver o início de uma preocupação com as características literárias.

As diferentes espécies de descrição poética enchem o seu livro em vários empregos. A topografia, em que Buffon foi um dos mais completos prosadores, tem em Narcisa Amália a melhor intérprete, na poesia. [...] Nestes e em todos os seus versos, as figuras de palavras andam em granel, em contínuo atropelo com as do pensamento (Póvoa *apud* Amália, 2017, p. 25).

E segue exemplificando e demonstrando as acumulações, hipérboles, antíteses e epifonemas que moldam os poemas da autora. “Este volume de poesias é um Templo; quem o penetrar há de ver - dentro - um altar construído de lágrimas” (Póvoa *apud* Amália, 2017, p. 25).

Seu estilo vigoroso, fluente, acadêmico; a riqueza das rimas, tão eufônicas, tão reclamadas e necessárias ao verso lírico, suas convicções falando à alma e à imaginação, justificam a sua já precoce celebridade, confirmam a sua surpreendente e rápida aparição, precedida do respeitoso coro da crítica sincera e grave. [...] Tem o seu livro imagens novas, figuras pomposas que pedem nova retórica e que se invente nova Poética. [...] Peço um lugar de honra no auditório das vossas glórias literárias para a autora de Nebulosas (Póvoa *apud* Amália, 2017, p. 27-28).

Os vários elogios concedidos por Póvoa não são, porém, suficientes para trabalhar com profundidade a análise poética e a qualidade literária de Narcisa Amália. Estando, nestas críticas, resumidas e elogiadas sem uma preocupação crítica mais explicativa e valorativa.

A poetisa é citada com certo fôlego em alguns jornais locais da época, tendo a publicação do seu livro destacada por alguns escritores. O jornal carioca *Diario do Rio de Janeiro* contempla algumas destas críticas, principalmente no intervalo de tempo entre 1872 e 1878. O nome da autora é mencionado com comentários elogiosos sobre seu intelecto e personalidade e com quase nenhuma citação sobre a sua obra poética propriamente dita.

A imprensa Corte tem por várias vezes dado à estampa composição dessa jovem e formosa literata, que, entre dois olhares enviados à terra e ao céu, canta o que há de mais belo no céu e na terra: a imortalidade, a liberdade, o amor, as aves, as flores, as nuvens, o sol e a primavera, a primavera azul e esplêndida [...] (Junior, 1871, p. 1).

Observamos o reconhecimento de uma poetisa já consolidada dois anos após a publicação de *Nebulosas*. Mas, ainda, resumindo seu “surpreendente” trabalho ao fato de ser mulher: “Quem, como ela, soube elevar-se de entre o belo sexo até a altura em que pairam as Nebulosas, era credora do entusiasmo sincero daqueles cujos corações enormes chegam para conte-lo – os moços” (*Diario do Rio de Janeiro*, 1874, p. 1).

Apesar do inegável reconhecimento e exaltação à sua obra, pouco foi estudado no âmbito das qualidades literárias de sua poesia no século XIX. Mas, o cenário muda um pouco nos séculos seguintes, com estudos e críticas mais engajados e preocupados em analisar sua obra com o mesmo empenho e capacidade problematizadora que é feito com os demais poetas românticos brasileiros.

A poetisa é citada em alguns compêndios de literatura nacional, comprovando a importância da sua obra para a composição da nossa historiografia literária. Ela está em *História da Literatura Brasileira*, de Luciana Stegagno-Picchio, como poetisa abolicionista, citada de forma breve.

A causa abolicionista, elevada a tema literário com Luís Gama, Pedro Luís e Castro Alves, e, junto com ela, a causa social (se não ainda socialista) que também no Brasil inflama os ânimos de poetas e poetisas (e basta recordar a Narcisa Amália, 1852-1924, das *Nebulosas*, Rio de Janeiro, 1872), haviam encontrado audiência também em níveis menos exclusivamente literários e junto a públicos mais vastos que os dos literatos ou dos fruidores de poesia (Stegagno-Picchio, 2004, p. 254).

Em *Uma História da Poesia Brasileira*, de Alexei Bueno, a poetisa compõe o capítulo dedicado ao romantismo, intitulado “A explosão romântica”. Mas, em contrapartida, seu nome não entra em outro livro organizado pelo autor: *Grandes poemas do Romantismo brasileiro*, publicado em 1995.

Seu nome também é citado em alguns livros basilares: *Formação da literatura brasileira - momentos decisivos*, de Antonio Candido e *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi. No primeiro, é mencionada brevemente junto de Varela, Rozendo Moniz, João Júlio e Melo Moraes Filho como poeta da poesia abolicionista: “Fundindo humanitarismo, rebeldia e quebranto lírico” (Candido, 2006, p. 568). E, sobre ela e sua poesia, diz-se que:

[...] deve ser mencionada como exemplo típico da pessoa de aptidões medianas que pôde, graças ao automatismo de processos literários, versejar desembaraçadamente e arrancar, de uma crítica não menos automatizada e gratuita, o juízo seguinte [...] (Candido, 2006, p. 569).

Apesar do tom negativo da crítica de Candido, podemos afirmar que a simples menção do nome da poetisa há tanto secundarizada, dentro de estudo tão importante para a literatura nacional, é uma forma de reconhecimento. A crítica é, aqui, mais válida do que os elogios.

Já em Bosi, ela é citada de forma breve, ao lado de outros nomes “menores” da poesia:

Pedro Calasãs, Narcisa Amália, Franklin Dória, Matias de Carvalho e outros, menores e mínimos, automatizaram certos processos de efeito como a antítese, a apóstrofe e a hipérbole, e abusaram do alexandrino francês que a leitura de Hugo pusera em moda [...] (Bosi, 1989, p. 137).

Também é citada em algumas coletâneas temáticas, como *A Poesia Fluminense no Século XX*, de Assis Brasil, onde ocupa a posição de representante do Romantismo.

Narcisa Amália é o poeta representante do Romantismo nesta antologia, não só pela individualidade de sua pequena obra, como por ter sido pioneira na defesa dos direitos da mulher em sua época, e o fato de ter publicado um livro de poesia em 1872 (*Nebulosas*), escandalizando alguns, já demonstra o seu senso de liberdade [...] (Brasil, 1998, p. 32).

Está presente, ainda, nos livros *Revolta e protesto na poesia brasileira*, de André Seffrin (2021), onde sua poesia de cunho político e social é destacada. E no livro *A escravidão na poesia brasileira*, de Alexei Bueno (2022).

Em se tratando de estudos universitários, a poetisa ainda aparece timidamente, sendo tema de algumas teses e pesquisas, especialmente no eixo temático da poesia feita por mulheres e as implicações sociais dos papéis de gênero na criação literária em língua portuguesa.

A autora que com mais fôlego se dedicou à obra de Narcisa Amália, Anna Friedrich, reúne uma crítica vasta sobre a obra poética da escritora, para além dos temas mais comuns

relacionados à autora. Ela inaugura uma perspectiva mais rica de estudos sobre suas poesias, focando em seus aspectos formais, temáticos e estéticos – que buscaremos contribuir com este estudo.

Em sua produção poética, destacam-se a diversidade temática e o domínio da forma, bem como os diálogos com os poetas e escritores do Romantismo. Entre os 44 poemas publicados em *Nebulosas* e poemas esparsos publicados em jornais, é possível encontrar poemas nacionalistas, políticos, de exaltação da pátria e da natureza, tristes e melancólicos, de saudade da terra e da infância, abolicionistas e antiescravistas (Faedrich, 2017, p. 238).

E cita, no mesmo estudo, algumas das propostas românticas de *Nebulosas*.

Outra característica da lírica ultrarromântica é o sofrimento e o encontro de consolo na morte, expressados no último verso do poema. Não é raro, em *Nebulosas*, o diálogo com a geração do “mal do século”, apresentando características comuns como a evasão da realidade, a morte como única saída para a dor existencial, pessimismo, isolamento e sofrimento [...] (Faedrich, 2017, p. 241).

Sua fortuna crítica atual conta principalmente com alguns trabalhos dedicados aos aspectos sociais e políticos de sua obra. A exemplo, temos as dissertações *Aspectos Sociais e Políticos da Poesia de Narcisa Amália*, de Gisele Oliveira Ayres Barbosa (2003), *Para o Conhecimento das Mulheres que Escreveram: o caso de Narcisa Amália*, de Catarina da Silva Romeiro (2021), *Trajatória da Poetisa Narcisa Amália de Campos: 1872-1924*, de autoria de Olga Mattos de Lima e Silva (2021).

Esses trabalhos demonstram uma iniciativa de resgate da obra de Narcisa Amália, de modo a aumentar sua presença no meio acadêmico literário e contribuir para a consolidação de estudos sobre sua poesia, apesar da constante linha temática: da relevância de sua obra enquanto produzida por uma mulher e a importância da sua poesia social, abolicionista e revolucionária.

Tais pontos são, indubitavelmente, relevantes para o estudo de sua obra e devem ser explorados. Mas ainda podemos perceber uma lacuna nos estudos voltados para uma análise estética de sua poesia, relacionando-a e justificando-a dentro do movimento romântico brasileiro. Como vimos, a pesquisadora Anna Faedrich já iniciou esse processo, definindo acertadamente os poemas de *Nebulosas* como românticos e se preocupando com essa qualidade literária e não com as características externas de produção. É relevante que essa movimentação continue, de modo que possamos, em um futuro próximo, estudar a obra poética de Narcisa Amália ao lado das obras de seus contemporâneos, como Castro Alves e Gonçalves Dias, tendo como métrica de comparação a qualidade de suas produções.

Segundo Olga Mattos de Lima e Silva em *Trajatória da Poetisa Narcisa Amália de Campos: 1872-1924*, a ausência de Narcisa no cânone da nossa literatura se dá porque “o processo de construção do cânone está vinculado diretamente com aquilo que é dominante numa determinada época, ao que é aceito. Neste sentido, está relacionado os aspectos políticos, econômicos e sociais” (Silva, 2021, p. 9).

Compreende-se, com isso, que as circunstâncias sociais e temporais (os aspectos extraliterários) foram os responsáveis pelo gradual apagamento de sua presença na história literária. Esse esquecimento gerou uma lacuna no estudo da nossa poesia nacional, retirando de cena uma importante participante do Romantismo brasileiro pelo simples fato de ser mulher. Esse esquecimento implicou no negligenciamento da obra de um dos poucos nomes que possuem uma poesia que atravessa os três principais movimentos do Romantismo brasileiro. É possível, como veremos mais à frente, mostrar que ela escreveu poemas representativos da fase nacionalista, ultrarromântica e condoreira – feito impressionante e que comprova sua maturidade e complexidade poética.

Deve ser destacado que há um movimento em curso para a maior valorização da obra poética de Narcisa Amália. No ano de 2024, a Fuvest (vestibular para acessar a Universidade de São Paulo), redefiniu a sua lista de leituras obrigatórias para o ano de 2026, contando apenas com autoras mulheres. Dentre as selecionadas, temos Narcisa Amália com *Nebulosas*, apontando para um gradual reconhecimento da poetisa dentro da nossa história literária. O movimento, inegavelmente importante, desperta uma contradição. Ao passo que ajuda na divulgação de sua obra, desperta o questionamento se isso não está apenas reafirmando que a sua existência literária se condiciona ao fato de ela ser mulher.

Com a iniciativa do vestibular, novas edições do livro foram lançadas, no intervalo de tempo entre novembro de 2024 e fevereiro de 2025, contando com materiais de apoio que ajudam a complementar os estudos – agora mais inflamados do que nunca, da “poeta dos livros”.

Em edição da Penguin e Companhia das Letras, publicada em novembro de 2024, encontramos a coletânea acompanhada de notas de rodapé explicativas, de autoria da pesquisadora Anna Faedrich (também responsável pelo prefácio e cronologia). A introdução do livro conta com estudo de Faedrich, sucinto e explicativo, que aponta a biografia de Narcisa, além de uma breve análise de alguns poemas, dividindo-os por temáticas românticas. Ela classifica, portanto, a obra de Narcisa em diálogo com as três gerações, apontando, pela primeira vez na crítica atual, a preocupação reiterada no presente projeto: a valorização estética

e literária de *Nebulosas* frente às três principais linhas românticas – o diálogo com as questões nacionais, ultrarromânticas e condoreiras.

Outra edição, publicada no início de 2025 pela editora Via Leitura, não conta com introdução ou posfácio, mas traz a coletânea integral, acompanhada do prefácio da primeira edição, de autoria de Pessanha Póvoa, e notas explicativas para os termos não usuais (auxiliando na compreensão dos poemas pelo público-alvo da edição, estudantes em preparação para o vestibular).

Não é à toa, portanto, que o estudo aprofundado de *Nebulosas* e da literatura de Narcisa Amália se faz mais pertinente do que nunca. Em um movimento de problematização dos manuais clássicos que, por anos, excluiu as mulheres que escreveram, um dos mais importantes vestibulares do país busca resgatá-las. Mas, mais do que isso, é importante estudá-las não simplesmente por obrigação moral ou reparação culposa: mas compreender, em estudos aprofundados da linguagem poética, a relevância incontestável da poetisa para a literatura romântica brasileira. Provar o valor poético para além das questões sociais e conseguir, com isso, uma valorização permanente, que consolide a sua produção no meio das outras obras do movimento.

O momento de resgate dos poemas e da figura de Narcisa Amália como escritora brasileira e representante do Romantismo nacional pode ser justificado pela fala de Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira*, quando diz:

Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime. Se não for amada, não revelará a sua mensagem; e se não a amarmos, ninguém o fará por nós. Se não lermos as obras que a compõem, ninguém as tomará do esquecimento, descaso ou incompreensão. Ninguém, além de nós, poderá dar vida a essas tentativas muitas vezes débeis, outras vezes fortes, sempre tocantes, em que os homens do passado, no fundo de uma terra inculta, em meio a uma aclimação penosa da cultura europeia, procuravam estilizar para nós, seus descendentes, os sentimentos que experimentavam, as observações que faziam, - dos quais se formaram os nossos (Candido, 2006, p. 11-12).

Nossa tese nasce em função de uma ausência da fortuna mais consistente. Compreendendo que o critério da qualidade de uma obra poética é arbitrário, o nosso é o de inserir ela no Romantismo brasileiro. É hora de ler, então, a obra dessa poetisa fluminense que, com tão pouca idade, foi capaz de reunir uma coletânea de poemas representativos de um dos momentos mais complexos da nossa literatura. Influenciada pelos europeus e pelos seus antecessores brasileiros, Narcisa escreveu sobre temas caros de seu tempo e de sua alma,

refletindo uma personalidade poética forte e madura, com gana por ocupar um espaço nas linhas de nossa história literária.

3. O Romantismo no Brasil

Isaiah Berlin, filósofo e crítico britânico, exprime a dificuldade de se definir o movimento literário romântico no início de seu estudo *As raízes do Romantismo*. Para ele:

É um assunto confuso e perigoso, no qual muitos já perderam, eu não diria os sentidos, mas pelo menos o senso de direção. É como aquela caverna escura descrita por Virgílio, onde todos os passos seguem em uma só direção, ou a caverna de Polifemo - quem entra parece que nunca mais sairá (Berlin, 2022, p. 21-22).

Para mapear as demandas literárias do Romantismo nos poemas de Narcisa Amália é preciso, inicialmente, traçar um breve panorama histórico do movimento que foi impulsionado, na Europa, também pela Revolução Francesa, quando os ideais de liberdade e rebeldia se espalharam para o campo das artes. Iniciava-se, assim, um período efervescente na cultura ocidental, com novas preocupações e temáticas artísticas, refletindo tempos modernos, saudosos e ansiosos por um futuro distinto daquilo que era conhecido. Embora sejam muitas as definições do movimento, podemos basear nosso pensamento no que diz Berlin, quando afirma que:

É, em suma, a unidade e a multiplicidade. É a fidelidade ao particular, nas pinturas da natureza, por exemplo, e também a imprecisão tentadora do contorno misterioso. É beleza e feiura. É a arte pela arte, e a arte como um instrumento de salvação social. É força e fraqueza, individualismo e coletivismo, pureza e corrupção, revolução e reação, paz e guerra, amor à vida e amor à morte (Berlin, 2022, p. 43).

O Romantismo é, por si só, uma contradição. E isso é observado na literatura, especialmente na fluidez entre o particular e o todo, a subjetividade e a alteridade, o melancólico e o político que convergem, ao fim, em produções que tentam, de todas essas formas, resgatar algo mais profundo do ser humano. Como enfatiza Berlin, “os românticos tendem a oscilar entre os extremos de um otimismo místico e um pessimismo aterrador, o que dá a seus escritos uma irregularidade peculiar” (Berlin, 2022, p. 157). E “é por isso que encontramos românticos revolucionários e românticos reacionários. É por isso que é impossível vincular o Romantismo a uma visão política em particular (...)” (Berlin, 2022, p. 181).

Apesar da aparente incongruência, é nesta confusão que se dá o cerne do movimento romântico, que foi capaz de refletir as necessidades humanas em sua complexidade, sem se limitar com o mundo interno ou externo. Mas, ao contrário, abarcando todas as faces dessa humanidade. A busca do ser humano na natureza, na volta à infância, na meditação e

contemplação do mundo natural anda de mãos dadas com a busca da razão, da presença social e política que vai, no Brasil e em Narcisa Amália, adquirir um tom abolicionista e condoreiro. “Assim, o resultado do Romantismo é o liberalismo, a tolerância, a decência e a apreciação das imperfeições da vida; algum aumento na autocompreensão racional” (Berlin, 2022, p. 207). Concomitantemente, podemos observar a definição de Friedrich Schlegel, sobre a poesia romântica.

A poesia romântica não é só uma filosofia universal, progressista. Seu fim não consiste apenas em reunir todas as formas de poesia e restabelecer a comunicação entre Poesia, Filosofia e Retórica. Também deve misturar e fundir poesia e prosa, inspiração e crítica, poesia natural e poesia artificial, vivificar e socializar a poesia, tornar poética a vida e a sociedade, poetizar o espírito, encher e saturar as formas artísticas de uma substância própria e diversa, e animar o todo com ironia (Schlegel *apud* Willer, 2019, p. 10).

A busca pelo retorno da natureza, bem como a valorização da infância como um momento anterior às dificuldades humanas é enfatizado pelo *Sehnsucht*, conceito alemão que moldou o Romantismo europeu e que representa “uma falta daquilo que nunca se teve, de fato, mas que serve de motor para todas as conquistas humanas significativas” (Berlin, 2022, p. 87). Esse alicerce conceitual do Romantismo europeu é visto fortemente nos poemas de *Nebulosas*, uma vez que Narcisa Amália, intelectual e conhecedora da literatura internacional, tomou como inspiração não somente os poetas brasileiros, mas também os franceses, como Victor Hugo, portugueses, como Almeida Garrett, e ingleses, como George Byron. Prova disso é que todos esses autores são mencionados em epígrafes do livro, em poemas como “Vem”, “Invocação” e “Fantasia”, ponto que iremos destacar ao longo do terceiro capítulo.

É importante ter em mente, ainda, a complexidade do Romantismo, que não permite uma definição pontual, como observado em Berlin e reiterado por Candido:

O Romantismo simplifica uma realidade bem mais complexa, como é sempre o caso nas nomenclaturas de períodos literários. No Brasil, ele designa um conjunto compósito, no qual há pelos menos três veios que se interpenetram: (1) os traços que prolongam o período anterior; (2) os traços heterodoxos; (3) finalmente os que se podem considerar específicos, e são os que em geral o crítico e o historiador isolam do conjunto (Candido, 2002, p. 85).

Não podemos deixar de perceber que a nossa literatura nacional é oriunda da literatura europeia ocidental e, por isso, vai ao encontro das mesmas preocupações iniciais.

Olhando em conjunto o movimento romântico nas literaturas do Ocidente da Europa e nas que lhe são tributárias, como a nossa, temos a impressão de um novo estado de consciência, cujos traços porventura mais salientes são o conceito do indivíduo e o senso da história. Por isso, individualismo e relativismo podem ser considerados a base da atitude romântica, em contraste com a tendência racionalista para o geral e o absoluto (Candido, 2006, p. 341).

No Brasil, o movimento romântico vai ser desenvolvido de forma particular, graças ao caráter de seu desenvolvimento histórico e demandas sociais e culturais das circunstâncias do país e à busca, por parte de seus artistas, de uma afirmação nacional (que vai moldar o Romantismo brasileiro). No livro *O Romantismo no Brasil* (2002), Antonio Candido traça um panorama do movimento que teve, inegavelmente, suas influências europeias, mas que encontrou na natureza, na cor local, as suas principais diferenciações. “Portanto, o Romantismo brasileiro foi inicialmente (e continuou sendo em parte até o fim) sobretudo nacionalismo. E nacionalismo foi antes de mais nada escrever sobre coisas locais” (Candido, 2002, p. 39-40).

Mas não só de nacionalismo foi formado o movimento no Brasil. As décadas seguintes, de 1850 a 1870 foram marcadas por tendências ultrarromânticas e sociais, adicionando mais nuances ao Romantismo nacional.

O decênio de 1850 viu também o que se costuma chamar, à maneira dos portugueses, Ultra-romantismo, tendência que vinha dos anos de 1840 e se expandiu nesse, numa espécie de literatura da mocidade, feita por jovens que, antes das atenuações inevitáveis trazidas pela “vida prática”, deram largas ao que alguns críticos cautelosos do tempo chamavam “os exageros da escola romântica”. Esses poetas levaram a melancolia ao desespero e o sentimentalismo ao masoquismo, além de os temperar frequentemente pela ironia e o sarcasmo, não raro com toques de satanismo (...). Do ponto de vista formal, é o momento de avanço da musicalidade no verso; quanto aos temas, manifesta-se pouco interesse pelo patriotismo ornamental e pelo indianismo, permanecendo vivo o sentimento da natureza e surgindo a atração pela morte (Candido, 2002, p. 51).

Será interessante perceber, ao analisar os poemas de Narcisa Amália, que alguns deles se encontram com o ideal ultrarromântico definido por Candido e tão característico de poetas como Álvares de Azevedo e Fagundes Varela. Percebemos que a poetisa, que publicou *Nebulosas* em 1872, pôde resgatar aspectos das fases anteriores. Tendo em vista o ano da publicação de *Nebulosas*, em um período já final do Romantismo (convencionalmente, temos que Machado de Assis inaugura o Realismo no Brasil em 1880, com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*), é de se esperar que ela foi capaz de escrever a partir de seus antecessores, compreendendo de forma integral o movimento e podendo estudar os aspectos antes de abordá-los em sua própria obra. Dessa forma, foi capaz de misturar as temáticas sociais de seus poemas

com versos melancólicos, exagerados e sentimentais, mostrando mais uma vez que, apesar de poucos, seus poemas são uma rica expressão do Romantismo brasileiro – e de todas as fases dele, tal como se deu no Brasil.

Indubitavelmente, os aspectos históricos e sociais marcam uma fase importante do Romantismo no Brasil, inaugurando uma poesia moderna e preocupada com o desenvolvimento de um país que estava começando a conhecer a independência. Esse sentimento de justiça revolucionária, somado à cor local da primeira geração romântica, que buscava na figura do indígena o seu protagonista representativo, encontra, agora, no negro, uma outra maneira de representar o Brasil. “O tema do negro avultou nessa fase e suscitou, da parte dos escritores, uma tomada de posição na luta contra a escravidão, que cresceu depois da Guerra do Paraguai (...)” (Candido, 2002, p. 75).

Em relação aos temas, a novidade foi o toque social, que assumirá grande vulto no decênio de 70, cultivado tanto por versejadores de toda a sorte, arrastados pelos movimentos sociais do período, quanto pelos poetas de boa qualidade, dois dos quais se destacam: Fagundes Varela e Castro Alves (Candido, 2002, p. 71-72).

Já podemos adiantar, portanto, que os poemas de Narcisa Amália compreendem a totalidade do que foi apontado previamente por Candido, em todas as facetas definidoras do Romantismo. Essa divisão em três fases do Romantismo brasileiro facilita a compreensão e delimita as nuances e características do movimento, suas preocupações e seus autores. É o que defende, também, Karin Volobuef no livro *Frestas e Arestas: a prosa de ficção do romantismo na Alemanha e no Brasil* (1968).

A despeito da relativa controvérsia existente, do ponto de vista geral, podemos vislumbrar nos diversos historiadores da literatura dados para o delineamento de três fases específicas do movimento e que poderiam ser organizadas a partir dos seguintes tópicos: um primeiro momento, de coloração nacionalista; um segundo, marcado pela introspecção e melancolia; e um terceiro, de tendência abolicionista e republicana (Volobuef, 1998, p. 162).

Em se tratando de poesia, as três fases compreendem bem a produção brasileira, que firmou nomes como Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves como representantes respectivos de cada uma delas. Apesar de notadamente distintas e com objetivos e temáticas diferentes, as três ainda compõem o mesmo movimento e período literário, o que justifica o eventual passeio dos autores pelas diversas temáticas, não se limitando apenas à sua fase. Nomeadas também de “gerações românticas”, há uma separação temporal entre elas, que pode

ser feita através da data de publicação de alguns de seus autores representantes: Gonçalves Dias publica *Primeiros Cantos* em 1846; Álvares de Azevedo publica *Macário* em 1852; Castro Alves publica *Espumas Flutuantes* em 1870. Notemos que essa separação temporal é apenas para fins de ilustração das diferentes características das produções românticas no Brasil, não limitando seus autores a uma única linha temática. Mas destacamos que, enquanto muitos poetas se fixaram em suas gerações e preocupações específicas, é possível perceber, especialmente em Narcisa Amália, uma maior fluidez, passeando livremente por mais de uma tendência, especialmente por ter publicado seu livro em 1872 – o que deu tempo o suficiente para a poetisa se inteirar e inspirar com os outros autores do movimento.

A poetisa foi capaz de, em seu único livro, envolver temáticas e preocupações marcantes de cada uma dessas fases, associando-a não especificamente em um momento do movimento, mas ao Romantismo como um todo. Volobuef define cada uma das fases da poesia romântica da seguinte maneira: a primeira, “em um tom nostálgico e sentimental, as obras dessa fase ancoram-se marcadamente no patriotismo, na religiosidade e no moralismo, apresentando também um forte apego à Natureza” (Volobuef, 1998, p. 162). A segunda, como “subjetividade extrema, melancolia, tédio em relação à vida, pessimismo são os acentos que marcam a postura e a poesia desses jovens estudantes” (Volobuef, 1998, p. 163). E, por fim,

A poesia da terceira fase caracteriza-se pelo condoreirismo laudativo e patriótico, segundo o modelo de Lamartine e, especialmente, de Victor Hugo. Enquanto os poetas da geração anterior tinham seu interesse centrado em si mesmos, os desta voltaram-se para os assuntos políticos [Carpeaux, 1964, p. 121]. Em substituição ao sentimentalismo exacerbado prevaleceram as temáticas sociais, impondo-se as questões da abolição da escravatura e da proclamação da república (Volobuef, 1998, p. 164).

Apesar de mais reconhecida pela característica condoreira de seus poemas, Narcisa Amália abarca em sua obra características das outras duas fases do Romantismo, com destaque para a consciência do país e para a melancolia ultrarromântica.

Seus poemas, portanto, refletem uma produção que bebeu das influências dos seus antecessores, e não só os brasileiros. Em Narcisa, é possível observar ampla referência a poetas e temas europeus. Com uma rica bagagem intelectual, a poetisa faz menções a nomes como Goethe, Lamartine, Almeida Garrett, Victor Hugo, Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias, José de Alencar e Bernardo Guimarães nas epígrafes de seus poemas, mostrando que, além de escritora, Narcisa Amália era ávida leitora do seu tempo - fato que demonstra, no mínimo, uma

preocupação e um cuidado com a própria escrita, tendo em vista que as suas inspirações eram de forte calibre.

Esses diálogos entre a poetisa e seus contemporâneos se tornam ainda mais marcantes quando pensamos no contexto social de produção dos poemas. Como elucidada Karin Volobuef,

O romantismo, em geral, foi um momento de afirmação feminina, contando com uma expressiva contribuição da mulher às novas ideias, comportamentos e, especialmente, à criação de obras, quer no campo da teoria quer no da ficção (...). No Brasil, porém, a sociedade conservadora e patriarcal ainda procurava cercear qualquer atuação mais intensa da mulher (...). O resultado é a falta de uma presença marcante da mulher nesse período, não se observando nenhuma obra que realmente imprimisse seu nome de forma indelével na história literária do Brasil (Volobuef, 1998, p. 164).

Como elucidado previamente, o presente trabalho tem consciência do fato sociológico que é uma mulher fazer literatura no século XIX. No entanto, fizemos a opção por uma leitura que privilegia aspectos antes de tudo formais e discursivos da obra poética de Narcisa Amália. Como mulher e escritora de sua época, não podemos deixar de destacar que sua capacidade literária foi podada por seu tempo, não encontrando espaço o suficiente para se desenvolver. Mas, apesar disso, compreende e produz plenamente os temas românticos brasileiros, abrindo a oportunidade de ter sua obra estudada em totalidade – e em páreo com os outros poetas românticos do seu século.

Outro ponto de merecido destaque é o caráter conceitual da poesia romântica e da figura de seu poeta.

(...) De Cláudio Manuel a Gonçalves Dias, e sobretudo a Álvares de Azevedo e Casimiro, a poesia vai-se despojando de muito que é comemoração, doutrina, debate, diálogo, para concentrar-se em torno da pesquisa lírica. Lírica no sentido mais restrito de manifestação puramente pessoal, de estado d'alma, sob a égide do sentimento, mais que da inteligência ou do engenho (...). A contribuição típica do Romantismo para a caracterização literária do escritor é o conceito de missão. Os poetas se sentiram sempre, mais numas fases que noutras, portadores de verdades ou sentimentos superiores aos dos outros homens: daí o furor poético, a inspiração divina, o transe, alegados como fonte de poesia (Candido, 2006, p. 343-344).

Anna Faedrich demonstra no artigo *Narcisa Amália e as Intempéries da Produção Literária Feminina* como os poemas de *Nebulosas* são pertinentes para a composição das poesias românticas brasileiras, destacando a sua diversidade temática e, dessa forma, justificando como a poetisa pode ser situada no Romantismo brasileiro.

Nebulosas foi seu primeiro livro de poesia. Nele, constam poemas ecléticos: líricos, de teor intimista; laudatórios comemorativos, dirigidos à natureza; e poemas de cunho social. A produção poética de Narcisa Amália não fica aquém da de Gonçalves Dias, no que diz respeito à exaltação da natureza, nem da obra de Castro Alves, uma vez que seus poemas de cunho social e político são igualmente intensos e críticos (Faedrich, 2016, p. 144).

E, como explica Sylvia Perlingeiro Paixão, os poemas de Narcisa Amália se encontram dentro desta estirpe romântica.

Romantismo é o momento em que o poeta investe na identidade nacional, tematizando a natureza e a pátria, enaltecendo o pitoresco, o grandioso, como forma de atrair a atenção no sentido de firmar o conhecimento da terra, é preciso tomar posse dessa terra, possuí-la, o que se dá por meio da palavra, que assume a função de guia. A poesia de Narcisa Amália reflete esse momento em que a invocação à pátria se repete incessantemente, como se mostrasse o desejo de ser levada de volta ao seio materno, numa poética uterina que imprime o retorno ao lugar de origem, a fim de buscar a sua própria identidade. O pico do Itatiaia – durante muito tempo considerado o ponto mais alto de Brasil –, a cidade de Resende, a Festa de São João, as recordações de infância, nada mais são do que complementos de uma outra temática que se alia à da pátria com a mesma finalidade: a busca de autoconhecimento que se expressa também na temática da infância (Paixão *apud* Faedrich, 2016, p. 149).

Para entender a possibilidade de situarmos a obra de Narcisa no contexto romântico nacional, parece mais interessante colocar sua obra em diálogo com a de outros autores eleitos como canônicos na literatura brasileira, não nos detendo em ressaltar o fato de ser uma mulher escrevendo poesia no Brasil do século XIX.

É o caso da invasão de melodia no verso, que se vai tornando cada vez mais fluido, preferindo ritmos cantantes que acabam por desfibrá-lo. Assim, o decassílabo sáfico (acentos na 4ª, 8ª e 10ª sílaba), antes usado com parcimônia, assume, a partir de Casimiro de Abreu, uma espécie de indiscreta preeminência (...). A isso se junta o gosto pela rima interna, que aumenta a sonorização e envolve o leitor, ou auditor, numa espécie de entorpecimento que anestesia a razão (Candido, 2002, p. 70-71).

Alguns desses aspectos citados por Candido e exemplificados por Castro Alves e Gonçalves Dias são observados, também, em Narcisa Amália – e serão melhor explorados no próximo capítulo, com a análise formal e temática de alguns de seus poemas.

Com destaque pela crítica em seus poemas de cunho abolicionista e social, não podemos deixar de destacar a relevante quantidade de poemas melancólicos, saudosistas e dotados do

“mal do século”. O nacionalismo é, também, muito presente, destacando especialmente o cenário do Rio de Janeiro do século XIX, a sua natureza, paisagem e enaltecendo a cor local.

É possível observar muitos poemas que se encaixam nas definições da segunda geração romântica: meditativos, saudosistas, valorizando a infância, cantando a morte, os amores (e suas faltas), em um tom melancólico e autocentrado. Ela reflete sobre sua condição enquanto poeta, ao mesmo tempo em que reflete sobre a vida o suficiente para ser lida como uma autora de influências ultrarromânticas. Fato que mostra uma superação do paradigma romântico nacional, atravessando os temas nacionalistas e abolicionistas com um olhar sentimental. Alguns poemas que destacam esse tom são “*Sadness*”, “Recordação”, “Aflita”, “À lua”, “Voto” e “Saudades”, que retomaremos no próximo capítulo.

No que diz respeito às prioridades da primeira geração romântica, como a valorização laudatória da natureza e das belezas particulares de um Brasil em busca da independência de Portugal, também encontramos alguns poemas significativos. É importante destacar que a temática indianista não existe nos poemas de Narcisa Amália, possivelmente pela distância temporal (Gonçalves Dias escreveu seus poemas indianistas entre 1840 e 1850) e, também, pelo impacto do abolicionismo no país, que convoca a poesia para a preocupação social (que aparece com força na terceira geração romântica).

Apesar disso, a poetisa valoriza o Brasil em alguns de seus poemas mais conhecidos, enaltecendo a natureza, a flora e as belezas do país. Isso é visto, por exemplo, nos poemas “A Resende”, “O Itatiaia”, “A festa de s. João” e “Sete de setembro”.

Apesar da crítica em torno de *Nebulosas* focar no aspecto condoreiro do livro, os poemas que tratam de temas sociais, a abolição da escravatura e as injustiças do Império não são muitos: “Vinte e cinco de março”, “Pesadelo”, “Castro Alves”, “A A. Carlos Gomes”, e “O africano e o poeta” são os representantes da face condoreira e revolucionária da coletânea. Apesar de poucos, comparado com o escopo total do livro, podemos reconhecer que foi essa temática que destacou Narcisa na crítica. Isso se dá não apenas pela qualidade literária dos poemas, mas pela relevância do tema que, até hoje, é objeto de discussão e valorização. Além, claro, da publicação de *Nebulosas* datar de 1872, época em que havia uma efervescência da poesia romântica condoreira e social – Castro Alves, um dos maiores poetas abolicionistas do Brasil, escreveu o poema “Navio Negreiro” em 1868.

É indubitável que esses poemas são reveladores de sua qualidade poética e da importância de se refletir sobre tais assuntos. A poesia é objeto de reflexão da sociedade e do tempo que a compõe, o que explica a maior propagação desses poemas em sua obra. O objetivo agora é, então, assinalar a necessidade de observar as outras vertentes de poemas de Narcisa Amália. Observar e compreender os aspectos textuais de sua produção, analisando a qualidade estética dos poemas e valorizando, também, os poemas menos sociais, onde a alteridade existe, mas não é o ponto principal, onde o sujeito meditativo é uma mulher intelectual influenciada pela melancolia de seu tempo, inspirada nos tantos poetas que leu. Onde o lado de fora é um país que se ergue, aos poucos, em cima de uma influência europeia mas que busca, de uma forma ou de outra, marcar sua singularidade através de sua natureza.

Com isso em mente, podemos partir para a análise de alguns de seus poemas, compreendendo a importância das influências que marcam sua produção literária, mas não nos detendo a isso como única métrica de valorização. Pelo contrário, entendendo sua obra como um reflexo amplo do Romantismo brasileiro, com nuances, qualidades, defeitos, temas variados e uma qualidade textual e lírica relevantes de menção.

4. “Da poesia desvendei as lagunas encantadas¹”: análises poéticas

Em prefácio para a edição de *Nebulosas* publicada pela Penguin - Companhia das Letras, em 2024, Anna Faedrich afirma que:

Mesmo ao analisar a poesia social e libertária de Narcisa Amália, assim como a sua busca pela identidade nacional através da exaltação da natureza e da cor local, estabelecendo diálogos com poetas canônicos – Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Castro Alves –, não pretendo atribuir valor à sua obra adotando os instrumentos usuais de medição para provar sua superioridade. No entanto, a análise de seus poemas e o diálogo com poetas consagrados são válidos, pois ajudam a comprovar que a exclusão ocorre por fatores extraliterários, como o preconceito de gênero, e não por razões intraliterárias, relacionadas ao valor estético e à temática (Faedrich, 2024, p. 22).

Seguiremos nossa análise abrangendo a perspectiva de diálogo e contextualização de sua obra poética com a dos demais autores do Romantismo brasileiro. Compreendendo e reafirmando que ela escreveu poemas das três fases românticas, reflexo de sua qualidade e maturidade literária. Com isso, podemos analisar a sua obra face ao movimento no país.

O livro é composto por 42 poemas de autoria de Narcisa Amália, além de uma resposta escrita por J. Ezequiel Freire ao poema “Agonia” e intitulado “Consolação” e uma tradução da poetisa do poema “*Les Deux Trophées*”, de Victor Hugo (1871), totalizando 44 poemas. O livro é organizado em três partes, divididas sem um critério aparente. A primeira conta com apenas um poema, que intitula o livro, “Nebulosas”. A segunda parte reúne 27 poemas, que variam entre temáticas ultrarromânticas, sociais e de exaltação da natureza – temas estes que serão explorados com mais profundidade ao longo deste capítulo. A terceira parte conta com 14 poemas e a tradução mencionada. Além disso, agrupa alguns dos poemas mais conhecidos da poetisa, dentre eles “Castro Alves”, homenagem ao poeta dos escravos, “O africano e o poeta”, poema abolicionista que foi musicado pelo compositor João Gomes de Araújo (1846-1943) e “*Sadness*”, poema ultrarromântico que foi comentado por Machado de Assis em coluna da *Semana Illustrada* de Niterói (1872).

Em *Nebulosas*, Narcisa Amália passeia pelas três gerações românticas (com êxito formal e temático), fazendo em apenas 42 poemas, algo que poetas como Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo não fizeram – pois tendiam a se fixar em eixos temáticos específicos. A

¹ Verso do poema “Nebulosas”, em *Nebulosas*, 2024, p. 51.

coletânea revela, além da capacidade técnica da escritora, uma consciência estética, formal e discursiva do movimento literário do qual fez parte, além de uma grande maturidade poética. Esse aspecto de sua poesia é fundamental para compreendermos sua obra e para levá-la em conta dentro do painel da poesia romântica brasileira, uma vez que é um diferencial ainda pouco explorado, embora extremamente relevante.

Pela constatação decorrente da leitura e percepção da variedade de formas e discursos poéticos em seu livro, somada ao histórico intelectual da poetisa e à data de lançamento de *Nebulosas* (1872), podemos imaginar que Narcisa teve a possibilidade de ler e abordar, em seus escritos, todas as fases românticas, tal como se desenvolveram no Brasil. Não é acertado, portanto, apontá-la apenas como autora condoreira, ultrarromântica ou estritamente voltada para as temáticas nacionais. Ela é romântica. Os poemas refletem tudo aquilo que o Romantismo simbolizava, estabelecendo um tom particular enquanto seguia os passos de seus antecessores.

Volobuef (1999) explica que

Gonçalves de Magalhães introduziu os principais temas da poesia romântica no Brasil - Deus e a Natureza, a poesia de sentimento religioso e guiada pela filosofia espiritualista; a noção da origem divina da poesia e do poeta e da sua missão reformadora, sobretudo moralizadora; a evocação da infância, as reflexões sobre a mocidade e a velhice; o sentimento patriótico, o amor da liberdade, o combate à tirania, o saudosismo; a visão amargurada do mundo, o lamento, o desespero, a exacerbação, a poesia tumular; a inspiração medievalista e, de maneira geral, histórica, a poesia das ruínas, e tantos outros temas e atitudes em que facilmente se reconhece ainda a presença da herança neoclássica (Volobuef, 1999, p. 159).

Estes temas, anunciados por Volobuef e introduzidos na poesia brasileira por Gonçalves de Magalhães, também se fazem presentes em *Nebulosas*. Mais do que isso, muitos deles se encontram combinados nos poemas, fazendo com que seja difícil classificá-los como simplesmente “condoreiros” ou “melancólicos”. A poetisa une os temas românticos como quem tece os fios de uma tapeçaria, fazendo com que os sentimentos ultrarromânticos encontrem a exaltação da natureza, assim como as revoltas abolicionistas encontrem a reverência a Deus e a melancolia urbana o *locus amoenus* de uma infância perdida no tempo.

Iniciemos tratando do diálogo com a primeira geração romântica, com enfoque na pátria e natureza. É visto, em Narcisa, nos poemas “O Itatiaia”, “Manhã de maio”, “No ermo”, “A

Resende”, “Miragem”, “A festa de s. João” e “Noturno”. Dentre estes, podemos destacar “O Itatiaia” como representante desta faceta do movimento, uma vez que cumpre todos os requisitos da primeira geração e combina a forma e estética com o sentimento lírico de exaltação da pátria, da natureza local e do seu lugar de alento e inspiração poética.

Ante o gigante brasílio,
 Ante a sublime grandeza
 Da tropical natureza,
 Das erguidas cordilheiras,
 Ai, quanto me sinto tímida!
 Quanto me abala o desejo
 De escrever num arpejo
 Essas cristas sobranceiras
 [...]

Ondulam ao longe múrmuras
 Aos pés de esguios palmares,
 As florestas seculares
 Cingidas pela espessura;
 A liana forma dédalos
 Na grimpa das caneleiras,
 Do cedro as vastas cimeiras
 Formam dosséis de verdura.
 [...]

Vai meu canto ao mundo sôfrego
 Que ante os prodígios se inclina,
 Narrar a beleza alpina
 Das regiões em que trilhas;
 Leva-lhe nas asas vélicas
 Meu culto à serra gigante,
 Pátrio ponto culminante,
 Berço de mil maravilhas!...
 (Amália, 2024, p. 89)

Descritivo e de tom laudatório, “O Itatiaia” saúda um dos lugares em que Narcisa viveu (comumente referenciados em seus poemas). Trata-se de um poema constituído por quinze oitavas trirrímicas (ABBCDEEC) e com sílabas heterométricas (sendo os primeiros versos decassílabos e os seguintes heptassílabos).

A epígrafe é de autoria de Franklin Massena, considerado o pioneiro do montanhismo no Brasil, tendo escalado o pico do Itatiaia (de aproximadamente 2800 metros) em 1856 e para quem Narcisa dedica os versos sobre o morro. Nela, Massena descreve com detalhes o morro que Narcisa vai descrever liricamente. “Os negros píncaros do Itatiaia, em forma de agulhas, eram em seus vértices dourados por uma frouxa luz solar (...)”.

É importante notar a extrema relevância das epígrafes para a construção poética da autora: elas dialogam diretamente com as personalidades que admirava e usa os trechos como introduções temáticas aos poemas. Todos os poemas de *Nebulosas* contam com epígrafes, com exceção de dois, “Fragmentos” e “A festa de s. João”. Essas introduções representam um ponto significativo e que será elaborado no decorrer do capítulo.

Ainda sobre “O Itatiaia”, observamos que a primeira estrofe, onde a poetisa inicia a descrição do “gigante brasílio”, é moldada também por um semblante meditativo típico dos românticos, compreendendo sua própria pequenez diante da vasta natureza pátria. A valorização do local é constante nos versos, e enaltecida na décima primeira estrofe:

Salve! montanha granítica!
 Salve! brasílio Himalaia!
 Salve! ingente Itatiaia,
 Que escalas a imensidade
 [...]

Observemos que “O Itatiaia” não mostra apenas o patriotismo nacionalista, de valorização da natureza enquanto cenário idílico ou tesouro nacional, mas revela a face introspectiva da poetisa romântica, que não se separa do seu local. Pelo contrário, a figura da poetisa está presente na “sublime grandeza da tropical natureza”, estabelecendo uma relação antitética entre o grande cenário e a pequenez humana: “Ai, quanto me sinto tímida!/
 Quanto me abala o desejo”. E, enquanto vive a meditação e encontra alento para as angústias humanas na presença da natureza, descreve com detalhes elogiosos a flora de seu país.

Isso nos revela a perspectiva do patético e sublime, termos importantes para compreendermos o Romantismo, e estudados por Friedrich Schiller em seu ensaio “Sobre o Patético”. No movimento literário romântico, o patético define tudo aquilo que é espontâneo e desmedido. Seja um sentimento de paixão absoluta, liberdade intensa e até infantilidade. Já o sublime, confere aquilo que parece ser anterior ao sujeito, aquilo que o precede, que é maior que nós mesmos: o estado de anterioridade, que encontra na busca pela essência primeira, pura e inocente do homem e, no caso do poema aqui estudado, no foco na natureza. Essas duas perspectivas se unem em “O Itatiaia”, com a exaltação do cenário natural e a comparação com a subjetividade da poetisa.

De teu dorso assomam ínvios
 Feixes de pedra em pilastras,
 Órgão gigante que enastras
 De mil grinaldas alpestres!

Quem lhes calca a base, intrépido,
 Vendo o sublime portento,
 Liberta seu pensamento
 Das amarguras terrestres!
 [...]

Vai meu canto ao mundo sôfrego
 Que ante os prodígios se inclina,
 Narrar a beleza alpina
 Das regiões em que trilhas;
 Leva-lhe nas asas vélicas
 Meu culto à serra gigante,
 Pátrio ponto culminante,
 Berço de mil maravilhas.

“O Itatiaia” é mencionado, também, por Anna Faedrich, em seu prefácio da edição de *Nebulosas* publicada em 2024 pela Penguin e Companhia das Letras. Não se ocupando de uma análise extensa – devido às limitações de um prefácio, a pesquisadora o elenca entre os poemas representativos do diálogo com a primeira geração: “A literatura tematizava a natureza e a pátria enaltecia o pitoresco e o grandioso como forma de buscar a própria identidade (...)” (Faedrich, 2024, p. 27).

Digno de menção é, também, o poema “No ermo”. Este que traz a união de temas da primeira e segunda geração romântica, explorando, de forma descritiva e reverencial a natureza, enquanto encontra nesse ambiente um alento para a melancolia, as dores e angústias. Sendo um dos poemas longos de *Nebulosas*, conta com dezessete estrofes de seis versos, rimas alternadas (ABCABC), sendo os versos um, dois, quatro e cinco decassílabos e os versos três e seis hexassílabos. Vamos observar algumas estrofes:

Salve! florestas virgens, majestosas,
 Aos céus alçando as comas verdejantes
 Em perenais louvores!
 Salve! berço de brisas suspirosas,
 D’onde pendem coroas flutuantes
 Aos lúcidos vapores!

Eu que esgotei do sofrimento a taça,
 Que pendo par’a campa úmida e fria,
 No alvorecer da vida;
 Que na longa vigília da desgraça
 Não vejo luz... nem tenho na agonia
 Consolação querida; [...]

(Amália, 2024, p. 85)

Como epígrafe, temos versos do poema “*Sub tegmine fagi*”, de Castro Alves (um dos maiores influenciadores de Narcisa), que diz: “Quando penetro na floresta triste/ Qual pela ogiva gótica o antiste (...)/ Nas ânforas de orvalho das boninas/ Eu bebo crença e amor!...”.

Em “No ermo”, o eu lírico reverencia a natureza, e encontra nela o único alento para a sua melancolia: “Eu que sinto na fronte erma de sonhos/ A centelha voraz, a febre ardente/ Que o viver me consome (...)/ Oh! eu quero, meu Deus, sorver sedente/ Os virgíneos eflúvios desta selva,/ Gozar beleza e sombra!”. Com uma linguagem rica, a poetisa enaltece a natureza, conferindo ao espaço noturno, revestido de árvores e flores, um ambiente sublime onde é possível meditar e sentir paz: “Aqui aos ternos cânticos das aves,/ Ao refulgir das lágrimas da aurora/ Nos campesinos véus,/ Minh’alma presa de emoções suaves/ Desdenha a mágoa insana que a devora/ E remonta-se aos céus!”.

O apego à paisagem aparece como uma continuidade do mundo interno. O lado de fora e o de dentro se encontram no ermo, que é o ambiente vasto e primitivo, mas é também a solidão do eu lírico que se encontra uno com aquela natureza.

As aliterações e assonâncias trazem ritmo ao poema, ao mesmo tempo que as metáforas e sinestésias, tão presentes em todo o livro, conferem uma visualidade clara do cenário idílico que inspira a poetisa. “Salve! florestas virgens, majestosas”.

Outro tema muito comum do Romantismo e que está fortemente presente em *Nebulosas* é a referência à infância. O idealizado estado natural e primeiro do homem, antes de ser moldado pela sociedade é muitas vezes abordado ao lado de referências à natureza, criando um elo entre os dois. Schiller, em “Poesia ingênua e sentimental” (1987), diz o seguinte:

Este modo de interesse pela natureza só nasce sob duas condições. Em primeiro lugar, é absolutamente necessário que o objeto que o inspira a nós seja a natureza ou o consideramos enquanto tal; em segundo lugar, que seja ingênuo (no mais amplo significado da palavra), quer dizer, que nele a natureza contraste com a arte e a supere. Quando a arte se liga àquele objeto, e só então, a natureza se torna ingênuo (...). São o que nós fomos; são o que devemos voltar a ser. Já fomos um dia natureza como eles, e nossa cultura deve nos fazer retornar, pelo caminho da razão e da liberdade, à natureza. São, portanto, ao mesmo tempo, representações de nossa infância perdida, pela qual conservamos eternamente o mais enraizado carinho; por isso nos enchem de uma certa melancolia. São a um tempo representações de nossa suprema perfeição no mundo ideal, e por isso nos comovem de maneira sublime (Schiller, 1987, p. 45).

Muitos são os poemas de Narcisa que trazem a logopeia da infância, os tempos passados, a nostalgia, a inocência, a vida antes das angústias corromperem o seu cotidiano. É importante ressaltar algo que a diferencia dos demais poetas românticos e que não é muito contemplado

em suas críticas: que a idealização da infância, para a autora, não é inteiramente positiva. O eu lírico dos poemas ressalta, com frequência, a nostalgia infantil permeada de um aspecto triste e melancólico, reiterando que os momentos bons ficaram no passado e que, no presente, o que reina é a tristeza. Podemos perceber esse aspecto no poema “Saudades”, que compõe a segunda parte de *Nebulosas*.

Tenho saudades dos formosos lares
 Onde passei minha feliz infância,
 Dos vales de dulcíssima fragrância,
 Da fresca sombra dos gentis palmares.
 [...]
 Lançava-me correndo na avenida
 Que a laranjeira enchia de perfumes!
 Como escutava trêmula os queixumes
 Das auras na lagoa adormecida
 [...]
 Abrem-me n'alma as dores da saudade
 Um sulco de profundas agonias...
 Morrem-me p'ra sempre as alegrias...
 Só me resta um consolo... a eternidade!
 (Amália, 2024, p. 57)

O poema traz a epígrafe do poeta gaúcho Carlos Augusto Ferreira (1844-1913): “Meus funerários gemidos,/ Vão legando à imensidade/ Um vasto arcano - a tristeza/ Um canto eterno: - a saudade!”, já introduzindo a temática dos versos e compartilhando o sentimento romântico universal: a saudade da infância.

Com oito estrofes de quatro versos e a quinta estrofe com cinco versos, é composto de rimas interpoladas, que diferem entre as estrofes, formando o esquema ABBA, CDDC, EFFE, etc. Tomado de metáforas e sinestésias, o eu lírico nos transporta para os tempos rememorados de sua infância, cercada pela natureza e pelo amor dos pais. Ela descreve o cenário natural que, inocente como ela, compunha os tempos tranquilos, onde não existiam preocupações ou rancores. O forte apelo sinestésico é sentido nas descrições da natureza “vales de dulcíssima fragrância”, “o sol nos acenava adeus languente”. Toda essa nostalgia é quebrada, porém, por uma noção de pessimismo, que toma a poetisa conforme a infância fica para trás: “Mas.../ tudo se acabou. A trilha olente/ Não mais percorrerei desses caminhos.../ Não mais verei os míseros anjinhos/ Que aqueciam na minha a mão algente!”.

Anna Faedrich aponta acertadamente a característica de diálogo geracional dentro dos poemas de Narcisa. “Saudades” apresenta o tema da natureza, que aparece, aqui à serviço da infância, do estado psicológico e nostálgico do eu lírico, ao mesmo passo que conta com uma

melancolia pungente. “Em diálogo profundo com a morbidez da segunda geração romântica, a voz lírica encontra na morte a única solução para suas dores” (Faedrich, 2024, p. 26).

A qualidade dos versos é reafirmada pela importante palavra de Machado de Assis, que transcreve e recomenda o poema em coluna na *Semana Ilustrada*:

Quisera transcrever aqui mais de uma página das Nebulosas; receio estender-me demais; limito-me a dar algumas estrofes. Sejam as primeiras estas que se chamam Saudades, e que a leitora há de sentir que o são (...). Vê o leitor a harmonia natural destes versos, não menor nem menos suave que a destas estrofes da confiança (...) (Assis, 1872, p. 5030).

É indispensável ainda, ao analisar este poema, destacar o diálogo com outros poetas da segunda geração romântica brasileira, em especial Casimiro de Abreu e seu célebre poema “Meus oito anos”:

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!
(Abreu, 1990, p. 19)

Enquanto Casimiro de Abreu enaltece a infância em meio à natureza e, indubitavelmente, reconhece esse momento como “um hino de amor”, ante as adversidades da vida adulta, percebemos em Narcisa um pessimismo maior (que é recorrente em seus versos). Não temos apenas a lembrança dos tempos passados, mas uma reiteração constante da infelicidade com o momento presente e uma melancolia infinda, que só seria aliviada pela morte. Esse traço sentimentalista, fortemente associado com a segunda geração romântica, confere uma riqueza à poesia amaliana.

Outro poema que vale ser destacado é “A Rosa”, penúltimo poema do livro e que sintetiza plenamente os pontos anteriores. Com epígrafe do poema “Camões”, de Almeida Garrett (1799-1854), a poetisa reflete e medita sobre a perda da infância (como sinônimo para inocência), e despede-se com tristeza da meninice.

Um dia em que perdida nas trevas da existência
Sem risos festivos, sem crenças de futuro,
Tentava do passado entrar no templo escuro,

Fitando a torva aurora de minha adolescência.

Volvi meu passo incerto à solidão do campo,
Lá onde não penetra o estrepitar do mundo;
Lá onde doura a luz o bárbaro profundo,
E a pálida lanterna acende o pirilampo.
[...]

Assim da juventude se rasga o flóreo véu
E do talento a estátua no pedestal vacila;
Assim da mente esvai-se a ideia que cintila
E apenas resta ao crente - extremo asilo - o céu!
(Amália, 2024, p. 165)

Narcisa compara a sua própria adolescência com uma rosa que desabrocha. O desabrochar da flor, porém, não é sinônimo de belezas e alegrias, mas de exaustão e tristeza por não ser mais “inocente”: “E o sol, ébrio de amor, no férvido carinho,/ Crestava-lhe o matiz do colo de veludo!”, “Jovem e bela eu sinto que desmaio/ E em breve rolairei no solo já sem vida”, “Ao casto peito uni a abelha em mil delírios,/ Sedenta de esplendor, vaidosa de meu brilho; (...)/ E agora embalde imploro a candidez dos lírios”. E continua afirmando que “Só me resta morrer! (...)/ E a viração passou. E a flor abandonada/ Ao sol tentou velar a face amortecida;”.

O poema é composto por nove estrofes de quatro versos, com rimas interpoladas e metáforas sobre a perda da inocência através de elementos da natureza, conferindo uma beleza singela ao poema que não deixa, também, de ter um tom ébrio e melancólico, quase sombrio. O ponto de vista feminino é outro ponto de destaque, uma vez que os poemas românticos escritos por mulheres no Brasil são pouco conhecidos. Há, em “A rosa”, uma riqueza de detalhes que ultrapassam a categorização. Apresenta um ponto de vista particular, mostrando uma consciência estética e social da autora, que através da forma romântica e da abordagem nostálgica, meditativa e melancólica, se coloca presente no poema, com um eu lírico consciente de si, do mundo em que vive e de sua situação enquanto mulher.

É interessante observar, neste poema, a diferença do ponto de vista feminino na elaboração do poema. Muitos foram os poetas (homens) do Romantismo que enalteceram, saudaram e lembraram a infância e adolescência em seus versos. Mas, essa retomada era sempre vertida de alegria, um tempo puro e cândido repleto de brincadeiras em comunhão com a natureza. Embora Narcisa compartilhe essa candura em seus poemas, “A rosa” aborda um outro olhar da perda da inocência que é estritamente feminino: com sentimentos de inadequação, reminiscências de violência e consciência do olhar e ação do outro sobre si (esse outro, no poema, representado pelo sol e pela abelha).

Outros títulos que correspondem às preocupações da infância, do sentimento primitivo e da nostalgia pela inocência, são: “Voto”, “Saudades”, “Confidência”, “Desalento”, “Cisma”, “Invocação”, “Visão”, “Recordação”, “Amor de violeta”, “Fantasia”, e “Júlia e Augusta”.

Como visto no primeiro capítulo, tanto a crítica atual quanto do século XIX tendem a focar suas análises na faceta abolicionista e condoreira da sua poesia. Porém, uma temática ainda mais recorrente em sua obra e que abre espaço para inúmeras referências e reflexões, está em sua poesia ultrarromântica. O diálogo de Narcisa Amália com a segunda geração romântica é vasto e gerou onze poemas de potência estética, lírica e temática em concomitância direta com as preocupações dessa geração. Reflexo de que seu papel ultrarromântico é relevante está na presença de seu nome, mesmo que brevemente mencionado, na tese de doutoramento do Professor Dr. André de Sena Wanderley, da Universidade Federal de Pernambuco, que trata especificamente do ultrarromantismo, intitulada *Visões do Ultrarromantismo: melancolia literária e modo ultrarromântico* (2010).

Como a própria autora escreve em seu poema “Sadness”, seu “anjo inspirador é frio e triste”, a inspiração pela morte, o desalento, a tristeza e a melancolia perpassam a maioria de seus versos, como as suas próprias nebulosas pairando sob o céu. Quase todos os seus poemas são reflexivos. A poetisa se coloca inteiramente em seus versos, é contemplativa e consciente de si, de seu tempo, de seu papel como escritora.

O poema “Desengano” pode ser um dos representantes do “mal do século” perpassando a poesia de Narcisa Amália. Temos um poema de seis sextilhas, com esquema rítmico AABBC e que conta com epígrafe do poeta espanhol D. Fernando de Zarate (1600-1663) traduzida pela própria Narcisa (Antes de expirar o dia,/ Vi morrer minha esperança²), introduzindo um poema rico em detalhes, pessimismo, autorreflexão e natureza.

Quando resvala a tarde na alfombra do poente
E o manto do crepúsculo se estende molemente;
Na hora dos mistérios, dos gozos divinais,
Despedaçam-me o peito martírios infernais;
E sinto que, seguindo uma ilusão perdida,
Me arqueja, treme e expira a lâmpada da vida!

Feriu-me os olhos tímidos o brilho da esperança,
A luz do amor crestou-me o riso de criança;
E quando procurei – sedenta – uma ventura,
Aberta vi a fauce voraz da sepultura!...
Dilacerou-me o seio, matou-me a crença bela,
O tufão mirrador de hórrida procela!
[...]

² “Antes d’expirar el dia/ Vi morir à mi esperanza”. Cena IV de *Quien habla más obra menos* (1678).

Ao despertar festivo da alegre natureza,
 Quero colher as clícias que brincam na devesa;
 Sentir os raios ígneos da luz do sol de Maio
 Reanimar-me a vida que foge n'um desmaio;
 Pousar um longo beijo nas rubras maravilhas
 E contemplar do céu as vaporosas ilhas.

E quando o ardor latente que cresta a minha fronte
 Ceder à neve algente que touca o negro monte;
 Quando a etérea asa da brisa fugitiva
 Trouxer-me castos trenos da terna patativa,
 Elevarei meus carmes ao Ser que criou tudo,
 E dormirei sorrindo num leito ignoto e mudo.
 (Amália, 2024, p. 67)

Podemos selecionar este poema como um dos mais representativos da faceta ultrarromântica de Narcisa. A contemplação e autorreflexão da poetisa é tomada de uma melancolia, enquanto desfruta de um cenário natural idílico. Ela subverte o elemento natural, atribuindo-lhe uma sombra subjetiva e melancólica. O cenário noturno é outro ponto de destaque, pois é o momento propício para a reflexão e para a meditação e é, também, outro retrato do Romantismo em sua poética, obedecendo às características do movimento, como explicitadas por Candido.

A melancolia, por exemplo, vai sendo cada vez mais associada à noite e à lua, ao salgueiro e à saudade, sobretudo ao pormenor dos lugares. Modificação paralela ocorre no tratamento da natureza, pois a tradição nativista se liga então ao novo sentimento de orgulho nacional, que prenuncia o patriotismo (Candido, 2002, p. 17).

Na segunda estrofe, a presença da “*dame sans merci*”, a personalização da melancolia que dilacera a paz infantil: “Dilacerou-me o seio/ matou-me a crença bela”, é seguida, na estrofe seguinte, pela aceitação da tristeza como parte da sua vida, unindo-se com ela: “Então pálida e triste, alcei a fronte altiva”.

Outra característica importante de menção é o alento encontrado pelo eu lírico na natureza (a simbólica, do sentimento de inocência e pureza inicial, e física), que é, em “Desengano”, também um retrato de um desapontamento com a modernidade:

Desprezo as pompas loucas, desprezo os esplendores,
 Trilhar quero um caminho orlando só de dores;
 E além, nas solidões, à sombra dos palmares,
 Ao derivar da linfa por entre os nenúfares,
 Quero ver palpitar como em meu crânio a ideia,
 O inseto friorento na lânguida ninfeia!

O encontro do alento nessa paisagem solitária e natural “nas solidões, à sombra dos palmares”, rejeitando “os esplendores” da modernidade é, também, um traço romântico, analisado por Antonio Candido quando relaciona o sujeito do Romantismo com a sua relação com a natureza:

Paralelamente, altera-se o conceito de natureza. Em vez de ser, como para os neoclássicos, um *princípio*, uma expressão do encadeamento das coisas, apreendido pela razão humana, que era um de seus aspectos, torna-se cada vez mais, para os românticos, o mundo, o cosmos, a natureza física cheia de graça e imprecisão, frente à qual se antepõe um homem desligado, cujo destino vai de encontro ao seu mistério (Candido, 2006, p. 342).

Ainda no escopo de poemas ultrarromânticos e melancólicos, podemos destacar “*Sadness*”, revisitando o comentário de Machado de Assis em coluna do *jornal Semana Ilustrada*, ao recomendar a leitura dos poemas de Narcisa.

São tristes geralmente os seus versos, quando não são políticos, (que também os há bons e de energia não vulgar); a musa da Sra. D. Narcisa Amália não é a alegria; ela mesma o diz na poesia que intitulou *Sadness*, e que transcrevo por inteiro, e será esta a última citação [...]. (*Semana Ilustrada*, 29 dez. 1872, p. 5031)

Não podemos negligenciar o simbolismo de Machado de Assis falar sobre a autora e seus poemas. A valorização e a curiosidade do escritor sobre a sua obra nos apontam, mais uma vez, a sua perspectiva de qualidade literária, bem como a importância dos seus versos para a composição do Romantismo nacional.

A epígrafe do poema é de autoria de James Thomson (1700-1748), poeta romântico escocês, e traz os seguintes versos: “Ainda visitas portanto minhas noites, para ti reservadas,/ E galgas minha alma elevada até pensamentos como os seus³”. Destaca-se, mais uma vez, a profunda importância das epígrafes para a leitura dos poemas de Narcisa, que dialogam diretamente com os textos escolhidos para iniciar seus próprios versos. Além disso, comprovam o perfil intelectual e poliglota da autora, conhecedora e leitora de autores do movimento de diversas nacionalidades.

Vamos observar, então, o poema:

³ “*Still visit my nights, for you reserved/ And mount my soaring soul to thought like yours*”. Presente em “*The Seasons: Winter*” (1726).

Meu anjo inspirador não tens nas faces
 As tintas coralíneas da manhã;
 Nem tem nos lábios as canções vivaces
 Da cabocla pagã!

Não lhe pesa na fronte deslumbrante
 Coroa de esplendor e maravilhas,
 Nem roubas ao nevoeiro flutuante
 As nítidas mantilhas.

Meu anjo inspirador é frio e triste
 Como o sol que enrubescer o céu polar!
 Trai-lhe o semblante pálido – do antiste
 O acerbo meditar!

Traz na cabeça estema saudades,
 Tem no lânguido olhar a morbidez;
 Veste a clâmide eril das tempestades,
 E chama-se – Tristeza!...
 (Amália, 2024, p. 155)

Os quatro quartetos são formados por três decassílabos e um hexassílabo, com rimas alternadas no esquema ABAB – CDCD – EFEF – GHGH. Ainda sobre os aspectos formais, podemos destacar o uso de metáforas (como o sol que enrubescer o céu polar), sinestésias e, ainda, a personificação da Tristeza. O poema traz o tom depressivo e exagerado, comum entre os poetas do “mal do século”. A referência à tristeza como uma personalidade que guia os seus dias e que é o “anjo inspirador” da poetisa é um retrato do alinhamento e coerência da autora com as tendências poéticas de sua época. A imagem da musa, na antiguidade clássica, como personalidade de inspiração positiva, bela e amorosa é substituída, no Romantismo, pela tristeza, a “dama sem misericórdia”. Outro autor que é, no Brasil, representante da poesia ultrarromântica, pessimista e mórbida e que, indubitavelmente, influenciou na produção de Narcisa Amália, é Álvares de Azevedo, autor de *Lira dos Vinte Anos* (1853).

Quase todos os poemas da poetisa, mesmo aqueles que são mais inclinados a temas políticos ou laudatórios à natureza, trazem as características de forte sensibilidade da segunda geração romântica, mesmo que em pequena escala. O constante pessimismo, insatisfação e menção da morte perpassa quase todo o escopo das *Nebulosas*. Mas, para fins de organização temática, podemos apontar alguns que são estritamente ultrarromânticos. Aqueles que, em uma antologia sobre a segunda geração romântica brasileira, seriam de assentada participação: “Aflita”, “Desengano”, “Agonia”, “Amargura”, “Resignação”, “Sadness”, “Noturno”, “A rosa”.

Por fim, veremos a faceta mais conhecida e estudada das poesias de Narcisa Amália: os seus versos condoreiros que dialogam diretamente com a terceira geração romântica, produzindo poemas de cunho abolicionista, político e social que refletem com maestria a situação do Brasil do século XIX. Não coincidentemente, são estes os seus poemas mais conhecidos, participando de importantes antologias temáticas, como *A escravidão a poesia brasileira do século XVII ao XXI* (2022), com organização de Alexei Bueno (que contempla os poemas “O africano e o poeta”, que analisaremos adiante, e “Perfil de escrava”, soneto que foi publicado no jornal *O Fluminense*, de Niterói, em 9 de maio de 1879 e não faz parte de *Nebulosas*), e *Revolta e protesto na poesia brasileira* (2021), com organização de André Seffrin (que conta com o poema “Pesadelo”, que também analisaremos neste capítulo).

Observemos que a mesma poetisa que escreve poesia melancólica, também escreve sobre natureza e, como veremos agora, sobre abolição, em um diálogo consciente com as três fases do nosso Romantismo.

O principal representante desse aspecto em *Nebulosas* é o poema “O africano e o poeta”, que compõe a terceira e última parte do seu livro.

Esse poema revela a consciência crítica de Narcisa Amália sobre a importante função do poeta na sociedade, que se repete no ritornelo em forma de questionamento e resposta. Os versos respondem que o poeta é aquele – talvez o único – que quer escutar os queixumes do escravo triste, sem pai, sem abrigo e sem lar (...). Trata-se, pois, da poesia social e comprometida de Narcisa Amália, em diálogo aberto com Castro Alves, denunciando as injustiças da sociedade escravocrata e monarquista (Faedrich *apud* Amália, 2024, p. 38).

Com dedicatória para o poeta e advogado Celso de Magalhães (1849-1879) e epígrafe do poeta francês Alphonse de Lamartine (1790-1869): “Os escravos... Será que têm deuses?/ Será que têm filhos, eles que não têm antepassados?⁴”, o poema foi musicado em forma de modinha pelo compositor João Gomes de Araújo. São doze estrofes, alternadas entre oito e quatro versos em redondilha menor (o que propicia a musicalidade), e traz a polifonia, com um diálogo entre o escravo e o poeta.

[...]
 – Deixei bem criança
 Meu pátrio valado,
 Meu ninho embalado
 Da Líbia no ardor;
 Mas esta saudade

⁴ “*Les esclaves... Est-ce qu'ils de dieux?/ Est-ce qu'ils des fils, eux qui n'ont point d'aieux?*”. Versos do poema *La Chute d'un ange* (A queda de um anjo).

Que em tímido anseio
Lacera-me o seio
Sulcado de dor,

Quem sente? – O poeta
Que o elísio descerra;
Que vive na terra
De místico amor!
[...]
(Amália, 2024, p. 152)

O poema, além de trazer o tema da escravidão, dá voz duplamente para o escravizado e o poeta, apresentando as queixas e dores do primeiro e o papel de escuta e transmissão desse sofrimento pelo segundo. Observamos, aqui, que a autora dispunha de uma consciência do país e do momento social em que vivia, além de valorizar o próprio fazer poético diante de um momento político adverso.

Para ilustrar os poemas políticos e que não focam, necessariamente, na escravidão (embora o tema influencie todos os seus poemas de cunho social), analisaremos “Invocação” e “Pesadelo”, que se encontram, ambos, na segunda parte do livro.

O primeiro, “Invocação”, foi dedicado a Pessanha Póvoa, advogado e escritor brasileiro que assina o prefácio da primeira edição de *Nebulosas*. A epígrafe é de autoria de Almeida Garrett, trecho do poema Camões: “(...) Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos,/ Terra da minha pátria, abre-me o seio!”. Nos versos, Narcisa faz o que comprovou fazer de melhor, unindo os temas em um único poema, trazendo uma visão crítica enquanto fala das belezas de seu país e do fazer poético autorreferenciado.

[...]
Sinto n’alma pungir-me o espinho!
Sinto o vácuo embargar o caminho
Que procuram meus trenos de amor!
Desse sol que dá luz e ventura;
Desses pampas de eterna verdura,
Ai! Não vejo a beleza, o esplendor!
[...]

Mas, ó pátria, são frágeis as asas!
E se aos bardos mil vezes abrasas,
Não me ofertas um mirto sequer!...
Quando intento librar-me no espaço,
As rajadas em tétrico abraço
Me arremessas a frase — mulher!...

Seja embora! Se em leves arpejos
Vem a brisa cercar-te de beijos
E dormir sobre tuas campinas,

Dá-me um trilo dos plúmeos cantores!
 Dá-me um só dos ardentes fulgores
 De teu cálido céu sem neblinas!
 (Amália, 2024, p. 83)

Composto por oito sextetos com rimas no esquema AABCCB, eneassílabas, a construção formal confere um ritmo cadenciado e harmônico e mostra que, embora Narcisa Amália não se detenha a apenas um sistema rítmico em seus poemas, consegue realizar com satisfação aos que se propõe.

O drama existencial do poema é apresentado em meio aos elogios à natureza pátria, palco e cenário de inspiração poética. A autorreflexão e a consciência de si misturam-se com as circunstâncias sociais de seu tempo, enquanto é tomada de um sentimentalismo profundo. O eu lírico tem noção da situação política do país e tem, também, consciência das suas próprias adversidades, que sofre por ser mulher: “Mas, ó pátria, são frágeis as asas!/ E se aos bardos mil vezes abrasas,/ Não me ofertas um mirto sequer!.../ Quando intento librar-me no espaço,/ As rajadas em tétrico abraço/ Me arremessas a frase — mulher!...”.

Há, portanto, uma relação de si com o outro, uma alteridade que só é possível porque é intrinsecamente fundida com o sujeito

A gênese desse estilo, que se costuma tachar de “mórbido” é, na verdade, a mesma objetivação do mundo (a Natureza como o *outro* radical) levada a tal clima de estranheza que, parecendo não ter nada mais em comum com o sujeito, perde o sentido para este, e ameaça nadificá-lo com a sua alteridade. O Romantismo do nada ora articula-se em termos de sentimento (*tédio, ennui, spleen, Weltschmerz*), ora se matiza de tons intelectuais, à medida que aguça o senso das contradições: é o *humor* (Bosi, 2008, p. 248).

“Invocação” é, logo, mais um dos poemas que apontam Narcisa não como uma poetisa da primeira, segunda ou terceira geração, mas em profundo diálogo com todas elas, refletindo uma importante consciência estética e formal.

O poema “Pesadelo”, dedicado ao seu pai, o sr. Jácome de Campos, é dividido em três partes, e se estende por vinte e cinco estrofes, sendo a primeira e terceira parte com oito estrofes e a segunda, com nove. Primeiro, vamos tratar das questões formais. Cada uma das partes difere das outras em número de versos, rimas e metrificações. Para compreender o poema como um todo será preciso, inicialmente, reparti-lo.

A primeira parte é formada por sextilhas com rimas emparelhadas (AABBCC, DDEEFF, e assim por diante). Na segunda parte, temos dois quartetos iniciais, seguidos por sete oitavas. O esquema rítmico é emparelhado, seguindo a forma: AAAB, CCCB nas duas

primeiras estrofes, e segue para as outras: DDDBEEEB, FFFBGGGB, e assim por diante. É interessante perceber a repetição da rima final, ao longo de toda a segunda parte, em uma espécie de refrão: (O horror da maldição!/ Ao grito – revolução!/ Mitra, burel e brasão!). Já a terceira e última parte, traz oito quartetos com rimas no esquema ABCB, DEFE, e assim por diante.

O poema conta uma única história: o processo para a libertação das nações guiado pela Revolução Francesa. Os ideais de “liberdade”, “igualdade” e “fraternidade” inundam o poema e abrangem a revolta em escala europeia (primeira parte), francesa (segunda parte) e brasileira (terceira parte).

Na primeira parte, temos epígrafe de Jean Larocque (1836-1890), e observamos o eu lírico sonhando ao adormecer. No sonho, observa algumas nações europeias em suas lutas contra o imperialismo, mostrando um profundo conhecimento da autora sobre o tempo em que vivia:

[...]

No caos da confusão arquejam parlamentos,
Trêmulo de ardor, reúne esparsos regimentos,
E à frente das falanges intrépidas, luzidas,
Vingança! — brada Cromwell às raças oprimidas;
Com rapidez terrível o gládio soberano
Atira ao pó a frente do plácido tirano!

E vejo um lidador com santo entusiasmo
Tentar roubar a Itália a seu servil marasmo;
Reatar a chama — a chama amortecida
Na mesa do banquete, na morbidez da vida!...
Mas, ai! de um fero Papa, ao mando assassinado,
Rienzi o invencível caiu sacrificado!

[...]

A filha de Albion ativa repousava
Aquém do vasto mar, ante a mãe pátria – escrava;
Quebra o patriotismo o leito em que dormia,
Ergue-se o povo herói e a luta acaricia:
Silvando voam balas, o eco acorda os montes,
Livre surge a nação enchendo os horizontes!...
(Amália, 2024, p. 120)

Já na segunda parte do poema, que inicia com trecho do poema “*À Napoléon*”, de Casimir Delavigne, Narcisa Amália apresenta a Revolução Francesa. Em um poema narrativo, constrói o cenário francês em meio à Revolta, e resume os conflitos e os sentimentos libertários que tomaram as ruas do país.

[...]
 No pedestal da igualdade
 Firma o povo a liberdade,
 Um canto à fraternidade
 Entoa a voz da nação,
 Que em delírio violento
 Fita altiva o firmamento
 E adora por um momento
 A deusa — Revolução!...
 [...]

Cobre a bandeira sagrada
 A multidão lacerada,
 E da França ensanguentada
 Assoma Napoleão;
 Surge da borda do abismo
 O gênio do cristianismo,
 E dos mártires o civismo
 Confirma a Revolução.

Na terceira e última parte do poema, o cenário é o Brasil. Narcisa observa a história do país, criticando a subjugação ao império e desejando a liberdade, tal qual observou em outros países do ocidente. A autora cita, ao longo da terceira parte, nomes de mártires brasileiros, reiterando sua inclinação política de forma clara e direta. Os nomes de Tiradentes, Padre Roma e Nunes Machado são enaltecidos nos versos.

[...]
 Não bastavam, porém, tantos horrores
 Que enegrecem as brumas do passado;
 Foi preciso que às mãos de um assassino
 Caísse o grande herói — Nunes Machado!
 [...]

Mas se um dia o porvir abrir-te o livro
 Que o presente te oculta temeroso;
 Se com a vista medires a estacada
 Em que o falso poder se ostenta umbroso;
 Então, ó minha pátria, num lampejo
 Os erros surgirão da majestade;
 E arrojar ao pó cetros e tronos,
 Bradando ao mundo inteiro — liberdade!

Não podemos deixar de citar os outros poemas que enriquecem o escopo das poesias políticas e libertárias do Brasil. Em “Sete de setembro”, a poetisa realiza o sonho que parecia distante em “Pesadelo”, visto acima:

Salve! Dia feliz, data sublime

Que despertas o sacro amor da pátria
 Em nossos corações!
 Salve! Aurora redentora que eternizas
 A era em que o Brasil entrara ovante
 No fórum das nações!
 (Amália, 2024, p. 111)

E citamos, também, o poema “Vinte e cinco de março”, que traz uma das mais belas estrofes da poesia política brasileira:

Rasgai, rasgai a folha lutulenta,
 – Emblema de mesquinho cativo;
 Não vedes? Choram hoje em tuas campas
 Os manes dos heróis!...
 Salvai a honra dos que em lar estranho
 Por ti verteram lágrimas de sangue,
 E resgatando a fé despedaçada,
 Vingai nossos avós!...
 (Amália, 2024, p. 94)

Como observado nas análises poéticas, podemos perceber que Narcisa consegue, com êxito, transitar pelas três fases do Romantismo. Mas encontramos uma predominância no papel do ultrarromantismo, da personalidade meditativa do eu lírico e a natureza à serviço da nostalgia infantil. Essa constatação inaugura o questionamento: por que a crítica, até o momento, privilegia a exaltação de sua poesia abolicionista? São, de fato, poemas representativos e, como analisado, compreendem muito bem a preocupação da terceira geração romântica. É fato que Narcisa publicou seu livro no momento da poesia condoreira, mas não podemos deixar de ignorar a possibilidade de que a realidade histórica brasileira parece demandar uma visão crítica da sociedade, onde o contexto de recepção produz no leitor uma demanda por esse reconhecimento social. Podemos problematizar, ainda sem conclusões, a razão pela qual a poesia social e abolicionista de *Nebulosas* ainda é a mais conhecida, deixando sua perspectiva ultrarromântica, melancólica e sentimental em segundo plano. Não seria essa uma reafirmação do papel social da escritora mulher – que deve falar da sua sociedade e não pode se dar ao privilégio de escrever e ser reconhecida sobre as suas inquietações psicológicas, sentimentais e melancólicas?

É fato que ainda há muito o que se estudar sobre a poética de Narcisa, mas compreendemos através das análises apresentadas que, apesar das lacunas e das reiterações pontuais da crítica, *Nebulosas* reúne um conjunto de poemas complexos, belos e, indubitavelmente, representativos do Romantismo brasileiro.

Como foi possível observar nas análises anteriores, o conjunto de *Nebulosas* compõe com indubitável eficácia o escopo de poemas românticos brasileiros. Com poemas temáticos que dialogam diretamente com a primeira, segunda e terceira gerações do Romantismo, conta, ainda, com versos muito bem costurados, que pincelam preocupações dos três momentos e que provam, mais uma vez, que Narcisa Amália é um nome importante da poesia brasileira do século XIX.

É válido enfatizar, ainda, outros três poemas que, românticos por natureza mas não necessariamente encaixados em uma geração específica, caracterizam bem a poética amaliana e abordam temas e formas dignos de menção. Inicialmente, tratemos de “Nebulosas”, poema de abertura do livro homônimo e único da primeira parte da coletânea. Nele, temos uma introdução excelente para os poemas que virão depois, abrindo as portas para o único livro de Narcisa da melhor forma possível: com elegias à natureza, consciência do fazer poético e profunda autorreflexão.

[...]

Um dia no meu peito o desalento
 Cravou sangrenta garra; trevas densas
 Nublar-me o horizonte, onde brilhava
 A matutina estrela do futuro.
 Da descrença senti os frios ósculos,
 Mas no horror do abandono, alçando os olhos,
 Com tímida oração ao céu piedoso,
 Eu vi que elas, do chão ao firmamento,
 Brotavam em lucíferos corimbo
 Enlaçando-me o busto em raios mórbidos!

Oh! Amei-as então! Sobre a corrente
 De seus brandos, notívagos lampejos,
 Audaz librei-me nas azuis esferas,
 Inclinei-me, de flamas circundada
 Sobre o abismo do mundo torvo e lúgubre!
 Ergui-me ainda mais: da poesia
 Desvendi as lagunas encantadas
 E prelibei delícias indizíveis
 Do sentimento nas caudas sagradas
 Ao clarão divinal do sol da glória!

[...]

(Amália, 2024, p. 49)

Com epígrafe do “curso elementar de astronomia” (1864), de Delaunay, definindo o tipo de nuvens nebulosas, os versos apresentam um eu lírico que observa o céu e, enquanto está em contato direto com a natureza, reflete sobre o fazer poético – que é oriundo dessa relação com o mundo natural: “Livre, ao sopro do gênio, abriu-me o templo/ Em que fulgura a inspiração em ondas”.

É um prelúdio, também, para o tom melancólico predominante nos versos de todo o livro. Como observado, Narcisa escreve com influência das três gerações românticas mas, se for preciso apontar uma tendência maior para o seu estilo temático, podemos escolher a melancolia, a tristeza, o ambiente soturno que, apesar de despertar sentimentos lúgubres, abre espaço para o autoconhecimento e para o fazer poético: “Fitei chorando a aurora que surgia!/ E — ave de amor — a solidão dos ermos/ Povoei de gorjeios melancólicos!...”. Reiteramos o que foi observado no primeiro capítulo deste trabalho, que a crítica tende a enaltecer mais os poemas abolicionistas, enquanto o aspecto de maior presença e força em sua poesia é o ultrarromantismo. Mesmo nos poemas abolicionistas ou de exaltação da natureza, percebemos um tom de melancolia e sentimentalismo, algo que a caracteriza e singulariza sua produção.

A última estrofe reitera isso. Observemos:

Assim nasceram os meus tristes versos,
Que do mundo falaz fogem às pompas!
Não dormem eles sob os áureos tetos
Das térreas potestades, que falecem
De morbidez nos flácidos triclínios!
Cortando as brumas glaciais do inverno,
Adejam nas estâncias consteladas
Onde elas pairam; e à luz da liberdade
Devassando os mistérios do infinito,
Vão no sólio de Deus rolar exânicos!...

Destacamos a profunda consciência de si, do seu tempo e do seu mundo que tomava a autora. Esse olhar para si é observado em seus poemas intimistas e melancólicos, como o que vimos anteriormente, como em seus poemas políticos e sociais. A mensagem que a autora passa, em seu breve conjunto poético, é extremamente coerente. Ela sabe o que quer dizer e como dizer. Se vertendo da forma da poesia romântica, claramente influenciada por grandes autores do movimento, Narcisa Amália pôde expressar suas inquietações pessoais nos poemas. Ela não estava, portanto, copiando os moldes e os temas dos outros românticos. Estava se colocando como uma voz original que engrandecia o escopo do movimento literário.

Outro poema digno de menção é “O baile”, que compõe a terceira parte do livro. Nele, encontramos uma faceta diferente do Romantismo visto até o momento em Narcisa. Foi

possível observar, nos outros poemas, uma predominância do cenário natural e da valorização da natureza como inspirador poético, mesmo nos versos de tons mais ultrarromânticos ou condoreiros. Mas compreendemos, também, que o movimento romântico abarca não só esse contato com o mundo natural e ingênuo, como valoriza e tematiza a urbanização, o movimento da cidade, os tempos modernos que surgem após a libertação pós-imperialista.

É o primitivo, o não sofisticado, o seio da natureza, campos verdes, vaquinhas com sinetas, riachos murmurantes, o céu azul infinito. Não menos, porém, é também o dandismo, o desejo de se vestir bem, os coletes vermelhos, as perucas verdes, os cabelos azuis, que os seguidores de pessoas como Gérard de Nerval usavam em Paris em certo período. É a lagosta que Nerval levava a passear pelas ruas de Paris presa por uma cordinha (Berlin, 2022, p. 42).

O poema narra com um tom crítico um baile, uma festa elegante permeada de luxos e frivolidades:

A noite desce lenta e cheia de magia;
A multidão febril do templo da alegria,
Invade as vastas salas.
O mármore, o cristal, a sede e os esplendores,
Do manacá despertam os mágicos olores,
À languidez das falas.
[...]

A festa chega ao termo; a harmonia expira;
A luz na convulsão final langue se estira
Pelo salão deserto;
Há pouco — o doudejar da multidão festante,
Agora — o empalidecer da chama vacilante,
Ao roscilar incerto!
[...]

A vida é isto: hoje cruel grilhão de ferro;
Talvez d'ouro amanhã, mas sempre a dor, o erro
Aniquilando o gênio!
Passado — áureo friso num mar de indiferença;
Presente — eterna farsa universal, suspensa
Do mundo no proscênio!
(Amália, 2024, p. 156)

É o único poema que tem como plano de fundo um ambiente citadino sem ser em circunstância de revolta ou protesto. É predominante, entre os poemas de *Nebulosas*, a natureza, os campos abertos, as montanhas e vales como espaço de criação poética. Mas, não podemos ignorar a presença da cidade, do urbano, dentro do conjunto de poemas, aspecto ainda pouco explorado na crítica e nos estudos de sua obra – o que é justificado pela clara predominância

dos cenários naturais em seus poemas. Mais um ponto, inclusive, que firma Narcisa como produto de sua geração.

Há, ainda, o último poema do livro (seguido pela tradução de Victor Hugo), “Ave-maria”.

Porém é mudo o gigantesco templo!
 No céu é mudo o manto peregrino!
 D’onde rebenta o celestial concerto?
 D’onde se eleva o sacrossanto hino?
 No harmônico remanso só escuto
 Pulsar meu coração, ora ofegante...
 A voz augusta é nossa inteligência
 Que no éter flutua irradiante!...
 [...]

Os páramos silentes do deserto
 Parecem escutar a voz do Eterno!
 As multidões contritas buscam ávidas
 Um só fulgor de seu olhar paterno!
 E Aquele que ouve os salmos das esferas,
 Que contempla perene a luz do dia,
 Neste instante solene, ao som dos sinos,
 Faz subir uma prece — Ave-maria! —
 (Amália, 2024, p. 167)

Destacamos este poema para introduzir brevemente outra temática importante nos versos de Narcisa Amália: a religiosidade. No Romantismo, como foi observado por Antonio Candido em *O Romantismo no Brasil*, a temática religiosa difere dos movimentos anteriores:

É preciso destacar outro traço, cheio de consequências: o advento de uma religiosidade que se distancia da devoção convencional para apresentar-se como experiência afetiva, que confere certa nobreza espiritual e foi sendo considerado cada vez mais posição moderna, oposta ao paganismo ornamental da tradição (Candido, 2002, p. 17).

Apesar do poema observado trazer os aspectos da “religiosidade tradicional”, com referências diretas ao catolicismo e à hora da Ave-maria, podemos perceber, ao longo dos poemas de Narcisa, uma inclinação à experiência religiosa afetiva apontada por Candido. Há, na maioria dos poemas, uma devoção profunda, traduzida em súplicas e preces, especialmente voltadas à natureza – que é constantemente definida como sagrada, consoladora e pacificadora.

(...) o Romantismo reabriu as fontes arcanas e cósmicas da imaginação, que o Neoclassicismo esgotara em clichês antes mitológicos do que mitopoéticos (...). Nem sempre eu romântico e Natureza se encontram de sorte que um

remeta ao outro, sem sobras, como em um jogo de espelhos perfeitamente simétricos. Nem sempre o céu é testemunha, confidente ou reflexo da alma. Friedrich Schiller viu logo, e bem, o fenômeno: a poesia romântica teria perdido a *ingenuidade*, aquele nexos imediato com a origem das sensações que fizera das literaturas antigas modelos de clareza e vigor; tornando-se *sentimental*, dobrou-se sobre si mesma e alargou o hiato entre a consciência e o mundo. Subjetivismo e ironia preencheram esse intervalo (Bosi, 2008, p. 245).

Sentimental, mas não ingênua, Narcisa Amália refletiu, em seus poemas, o seu mundo. Retrato nas poucas páginas de *Nebulosas* um Brasil em processo de libertação, uma natureza tropical, confortável, bela e uma subjetividade profunda, madura e complexa. A linguagem rebuscada de seus versos e as epígrafes de autores importantes não são meros detalhes ou preciosismos: são mais um sinal da grande capacidade intelectual da poetisa que, ciente de seu tempo, do seu local e da sua personalidade, produziu, em *Nebulosas*, alguns dos mais representativos poemas da poesia romântica brasileira.

4.1 “Não morrem Dantes, Lamartines, Tassos⁵”: as epígrafes

Vamos retomar um aspecto relevante e que não podemos ignorar em *Nebulosas*: a presença das epígrafes. Dos 42 poemas escritos por Narcisa, 40 contam com epígrafes e três deles contam com mais de uma, totalizando, no livro, 44 epígrafes. Dentre elas, observamos uma repetição de autores significativos: Gonçalves Dias é o representante nas epígrafes dos poemas “Aspiração”, “A Noite”, “O baile” e “Júlia e Augusta”. Victor Hugo, de “Miragem”, “Lembras-te” e “Vem”. Almeida Garrett assina as epígrafes de “Invocação” e “A rosa”. Ressaltamos que a fortuna crítica não se detém em nenhum momento sobre a relevância das epígrafes para a construção poética de *Nebulosas*, ignorando a pertinência desses excertos que dizem muito sobre a consciência literária da poetisa.

Além desses autores recorrentes – que apontam para uma clara influência da poética de Narcisa, contamos com a presença de outros nomes do Romantismo brasileiro: Castro Alves, no poema “No ermo”, Álvares de Azevedo em “Voto”, Fagundes Varela, Bernardo Guimarães, Teixeira de Melo, José de Alencar, Antônio de Carlos Gomes, Celso Magalhães, Félix da Cunha, Pedro Luiz, Costa Carvalho, Jácome de Campos (pai da poetisa) e Luís Guimarães Júnior. Destacamos, também, a presença de epígrafes de outras duas autoras: Joanna Tiburtina (1840-1905), poetisa romântica de Pernambuco, autora de *Meus sonhos* (1870) e Maria

⁵ Verso do poema “Castro Alves”, em *Nebulosas*, 2024, p. 131.

Francesca Rossetti (1827-1876), escritora inglesa conhecida pelo seu livro *The Shadow of Dante: Being an essay towards studying himself, his world, and his pilgrimage* (1871). Dentre os europeus, temos Goethe, um dos principais nomes do Romantismo alemão, Alexandre Guiraud, Lamartine, Byron, Almeida Garrett, Teófilo Braga, Racine, Zaraté, Martínez de la Rosa, Nicolas Joseph Gilbert, Delaunay e Victor Hugo – um dos maiores inspiradores de Narcisa Amália.

A recorrência e a qualidade dos textos selecionados para abrirem os poemas dizem muito. Mais do que erudição (conferida à poetisa pelo seu escopo intelectual, por ser professora, jornalista e tradutora), são definidoras de uma consciência literária profunda. Consideramos que toda epígrafe, em *Nebulosas*, dialoga com os poemas que acompanham, mostrando que Narcisa Amália vislumbrava fazer parte do escopo de autores daquele movimento. Ela clama pelos poetas e pensadores que vieram antes dela, pisando a estrada do Romantismo que ela pôde olhar em completude, anos mais tarde. A presença de autores românticos não só brasileiros, mas ingleses, franceses, portugueses, espanhóis, irlandeses, que escreveram em diferentes fases do movimento e que abordaram diferentes perspectivas só nos confirma a inquietação inicial deste projeto: Narcisa Amália, por suas influências e profunda consciência e maturidade literária reuniu, em poucos poemas, todo um movimento. Chamou para o seu lado os seus antecessores, como guias, em um momento em que o realismo já dava os primeiros passos no Brasil, para resumir o Romantismo brasileiro. Deixando claro que seu estímulo veio de grandes nomes, não deixou, portanto, de acrescentar sua voz única ao escopo que tanto leu e admirou: *Nebulosas* é um sopro a mais do Romantismo brasileiro.

Para exemplificar a importância das epígrafes para os poemas, e percebendo-as como uma extensão da própria produção de Narcisa, vamos observar o poema “Miragem”, que está na segunda parte do livro e comprova bem o diálogo entre as três gerações. É iniciado com versos de *Os castigos* “*Les Châtiments*” (1853), de Victor Hugo: “Libertem, fervendo de raiva,/ Vosso país da escravidão,/ Vossa memória do desprezo!⁶”. Observemos, agora, alguns versos do poema.

Senhor, o calmo oceano
No verão nas quentes noites,
Se revolta sobranceiro
Da tempestade aos açoites!
Encrespa o dorso potente
Dilacerando fremente
As asas do vendaval;

⁶ “*Délivrez, frémissant de rage,/ Votre pays de l’esclavage,/ Votre mémoire du mépris!*”

Faz cintilar a ardentia
 E arroja à nuvem sombria
 Diademas de cristal!
 [...]

Oh! Tudo, tudo se expande
 Às auras da liberdade!
 A treva calcando as plantas,
 Demandando a imensidade!
 Do incenso a loura neblina...
 [...]

E sob o céu sempre belo
 Da mais sedutora plaga,
 Beija – o rei – da natureza
 O ferro que o pulso esmaga?!
 Qu'importa que os sáxeos montes
 – Atalaias de horizontes –
 Clamem do ar n'amplidão:
 “Levanta-te, ó povo bravo,
 Quebra as algemas do escravo
 Que aviltam-te o coração”?!
 (Amália, 2024, p. 104)

Temos, em “Miragem”, uma contraposição entre um país tão belo, envolto em uma natureza pura e altiva, e tão injusto, tomado pela escravidão e pelo sofrimento. Os temas românticos da primeira e terceira geração se encontram, ainda, com um eu lírico presente e consciente. A miragem versada aqui, apresenta uma noção plena e clara da poetisa sobre o seu tempo, sobre a ilusão conferida, inclusive, pela literatura e arte, que apresentavam as belezas pátrias enquanto o país enfrentava uma realidade bruta e desafiadora.

A epígrafe de Victor Hugo inaugura esse sentimento de revolta da autora, que se utiliza dos clamores do poeta francês para clamar pela memória de seu próprio país.

Observemos mais um exemplo de diálogo entre o poema e a epígrafe. Em “Cisma”, Narcisa inicia com versos do poema “Cismas à noite”, do poeta carioca Fagundes Varela, publicado em *Cantos e fantasias* (1865). O interessante deste caso é que o diálogo entre poema e epígrafe é, aqui, explícito e referenciado. A epígrafe destaca o seguinte: “Zéfiro pleno de estival fragrância;/ Sinto a teus beijos ressurgir-me n'alma/ O drama inteiro da rosada infância!”. Vamos observar, agora, o poema:

Ó aura merencória do crepúsculo,
 Mais terna que o carpir de Siloé,
 És tu que embalas minha funda angústia,
 És tu que acendes no meu peito a fé.

És tu que trazes-me a virgínia endeixa

Que os anjos gemem na celeste estância,
O sussurro dos plátanos do Líbano,
O frescor dos rosais de minha infância!

Estranha languidez gela-me o seio,
Abre-se além a campa glacial,
Minha frente que ao chão lívido pende,
Levanta com teu beijo divinal!

Eu tenho n'alma uma saudade infinda,
Mais profunda que o abismo dos espaços...
– Choro meu berço que deixei criança,
– Choro o sol que aclarou meus débeis passos.

Recorda-me as dolentes monodias
Que na lago canta o pescador;
E as tristonhas cantigas dos escravos
Quando o céu se desata em luz de amor!

[...]

Este ligeiro hálito de pátria
Como desperta sensação tão pura!
Como esta essência dos folguedos idos,
Infunde n'alma tão sutil ternura!

Ó aura do crepúsculo, mais suave
Que o perfume das rosas de Istambul,
– Leva a meu ninho, meu gemer de Alcione!
– Traz de meu ninho a primavera azul
(Amália, 2024, p. 79)

Atentemos, inicialmente, para a referencialidade direta no título, com o termo “cisma” e na última estrofe do segundo verso, aos “rosais da infância”. Varela, assim como Narcisa, caminhou brevemente pelas três gerações, embora com menos intensidade, tendo sido um dos representantes da segunda geração – com poemas sentimentais e pessimistas. Em “Cisma”, observamos um eu lírico alinhado com a segunda geração, com um sentimentalismo exagerado, saudosista e nostálgico e que conversa com o eu lírico de “Cismas à noite”, que também rememora a infância.

[...]

Creio que as dores que suportar alcancem
Um prêmio ainda da justiça eterna!
Oh! Basta um sonho!... o respirar de um silfo,
O amor numa alma compassiva e terna!

Basta uma noite de luar nos campos,
O brando eflúvio dos vergéis do sul,
Dois olhos belos, como a crença belos,

Fitos do espaço no fulgente azul!

Ah! não te afastes, viração amiga!
 Além não passes com teu mole adejo!
 Tens nas delícias que as torrentes vertes
 Toda a doçura de um materno beijo!

Fala-me ainda desses tempos idos,
 Rasga-me a tela da sação que vem,
 Foge depois, e mais sutil, mais tênue,
 Vai meus suspiros repetir além.
 (Varela, 1957, p. 44)

O poema “Agonia”, de temática extremamente soturna e melancólica, claro representante do diálogo com a segunda geração do Romantismo brasileiro, é iniciado por versos de Nicolas Joseph Laurent Gilbert (1750-1780), poeta maldito francês, na sua *Ode imitada de diversos salmos*. Nele, temos: “Eu morro e, sobre minha sepultura, que lentamente alcanço,/ Ninguém vertará seu pranto⁷”.

No poema, observamos um eu lírico que reverencia a natureza enquanto se despede da vida. Essa atitude reitera uma imagem poética muito presente nos poemas de *Nebulosas*, onde há uma constatação recorrente de que a morte é o único alento para superar a agonia de viver.

[...]
 Como a gota de mel que entorna a aurora
 Na trêmula folhagem,
 E brilha, e fulge ao prisma de mil cores,
 Que depois desaparece aos esplendores
 Da dourada voragem;

Assim foram-se as rosas de meu peito
 Seus rocios de outono...
 Vejo apenas a palma do martírio
 Convidando-me a ir à luz do círio
 Dormir o eterno sono.
 (Amália, 2024, p. 71)

Concluimos, assim, que as referências a poetas românticos e seus poemas são várias, ao longo de *Nebulosas*. Esse aspecto de sua obra nos ajuda a legitimar a abordagem e o critério instituído para a execução do presente trabalho: o de enfatizar que Narcisa Amália observou os outros, aprendeu com eles, se inspirou e, com domínio da atividade poética, traduziu os seus sentimentos e inquietações para o seu livro. As suas referências nunca são em vão, iniciando os

⁷ “*Je meurs et sur ma tombe, où lentement j’arrive,/ Nul ne verser de pleurs*”.

poemas com as palavras de seus influenciadores. Seus poemas são, por assim dizer, uma reverência à literatura romântica e à poesia daqueles artistas que vieram antes dela.

5. Considerações finais

É possível reconhecer os aspectos das três gerações românticas brasileiras em *Nebulosas*, característica que comprova a relevância de Narcisa Amália para o movimento e para a literatura nacional e que

abrange uma rica diversidade de textos: líricos e intimistas, laudatórios, comemorativos, voltados à natureza e ao nacionalismo, além de poemas políticos e sociais que defendiam a abolição da escravatura. Sua produção poética dialoga com a de Gonçalves Dias na exaltação da natureza e patriotismo; com a de Casimiro de Abreu, na saudade da infância e dos tempos felizes; e com Castro Alves, nos intensos e críticos poemas abolicionistas. Ademais, o tom melancólico de sua lírica a aproxima da segunda geração romântica, conhecida como ultrarromântica ou geração do “mal do século” (Faedrich *apud* Amália, 2024, p. 10).

As palavras de Anna Faedrich resumem bem a perspectiva deste trabalho, que buscou examinar todos os aspectos geracionais e os diálogos com outros poetas românticos – com a constatação de que o tema, as análises e correlações possíveis ainda não estão esgotados, e compreendendo que a poética amaliana ainda pode ser muito estudada e analisada.

Tendo em mente a importância da pesquisa sociológica e de gênero sobre a pouca participação da autora dentro da história da literatura brasileira, inauguramos um estudo mais aprofundado e investido apenas nos aspectos literários, estéticos e temáticos que compõem a sua poesia. Sem a preocupação inicial, já iniciada por outros pesquisadores, de reconhecer a superficialidade do nosso cânone literário, intrincado em um patriarcalismo que excluiu as figuras de mulheres que escreveram, não nos seria possível estudar a obra de Narcisa Amália com um investimento unicamente literário.

A complexidade literária presente em *Nebulosas* é reafirmada pelos aspectos de qualidade, cruzamento com outros poetas e consciência estética. Através dessas três vertentes podemos afirmar que Narcisa Amália é um raro fenômeno do Romantismo brasileiro, sendo uma escritora – talvez a única, entre os outros, que contempla com considerável satisfação os três momentos românticos do país. Para além da qualidade, alguns de seus poemas superam a divisão temática e entrelaçam temas e formas do movimento, reiterando a originalidade e relevância da poetisa para a literatura nacional.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Casimiro de. **Poesias Completas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1990.
- AMÁLIA, Narcisa. **Nebulosas**. Rio de Janeiro: Gradiva, 2017.
- AMÁLIA, Narcisa. **Nebulosas**. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2024.
- ASSIS, Machado de. Nebulosas. **Semana Ilustrada**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 629, 29 de dezembro de 1872.
- BERLIN, Isaiah. **As raízes do Romantismo**. São Paulo: Fósforo, 2022.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.
- BOSI, Alfredo. **Imagens do romantismo no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BRASIL, Assis. **A Poesia Fluminense no Século XX**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1998.
- BUENO, Alexei. **Uma história da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2007.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos 1750-1880**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas / FFLCH, 2002.
- FAEDRICH, Anna. Nebulosas. In: **Nebulosas**. Rio de Janeiro: Gradiva, 2017.
- FAEDRICH, Anna. Narcisa Amália, poeta esquecida do século XIX. **SOLETRAS - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística - PPLIN**, Faculdade de Formação de Professores da UERJ, Rio de Janeiro, n. 34, jul-dez. 2017, p. 237-253. ISSN: 2316-8838. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/30950/22323>. Acesso em: 10/08/2023.
- FAEDRICH, Anna. Narcisa Amália e as intempéries da produção literária feminina. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, ano 15, n. 22, jan.-jun. 2016, p. 138-155. ISSN: 1809-3507. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num22/dossie/palimpsesto22dossie09.pdf>. Acesso em: 10/08/2023.
- Folhetim do Diário do Rio. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano 57, ed. 274, 4 de outubro de 1874.
- JUNIOR, Luiz Guimarães. Revista do domingo. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano 54, n. 339, 10 de dezembro de 1871.
- NUNES, Benedito. A visão romântica. In: GUINSBURG, J (org). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2019, p. 51-74.

SCHILLER, Friedrich von. **Teorias poéticas do Romantismo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

SILVA, Olga Mattos de Lima e. Trajetória da poetisa Narcisa Amália de Campos: 1872-1924. **IV Seminário Internacional Brasil no Século XIX**. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, out. 2021. Disponível em: https://www.seo.org.br/download/download?ID_DOWNLOAD=349. Acesso em: 10/08/2023.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

VARELA, L. N. Fagundes. **Poesias completas**: segundo volume. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

VOLOBUEF, Karin. Frestas e arestas: **A prosa de ficção do romantismo na Alemanha e no Brasil**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

WILLER, Claudio. Novalis e os valores românticos. In: **Hinos à noite**. São Paulo: Editora Sebo Clepsidra, 2019, p. 7-14.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.